BASTIDORES: POR QUE A FUSÃO DA KROTON COM A ESTÁCIO ESTÁ EM RISCO | **CLASSE MÉDIA:** ESTÍMULOS DO FGTS, MINHA CASA MINHA VIDA E JUROS MENORES PODEM TURBINAR O PIB | **INFLAÇÃO:** O QUE EXPLICA O ÍNDICE DE JANEIRO, O MENOR EM 30 ANOS

ISTOÉ Dinheiro

Onda de lançamentos de ações na BM&FBovespa antecipa a retomada da confiança dos empresários no **crescimento** da economia brasileira e pode movimentar **R$ 25 bilhões** neste ano

PRIMEIRA DO ANO: o presidente da locadora de automóveis **Movida**, Renato Franklin, captou R$ 645 milhões na quarta-feira, 8

NOVOS IPOs AGITAM A BOLSA

www.istoedinheiro.com.br
ISSN 1436-7645
15 FEV/2017 – ANO 19 – Nº 1005
R$ 15,90

ISTOÉ Dinheiro
15 de fevereiro de 2017. Edição 1.005

DinheirodaRedação

Mercosul cada vez mais irrelevante

Entra governo, sai governo no âmbito dos países integrantes do Mercosul e a prática de políticas protecionistas e, por tabela, limitadoras de um maior desenvolvimento do bloco continuam as mesmas. É o que se pôde verificar, mais uma vez, no encontro e agenda de intenções dos presidentes Maurício Macri e Michel Temer na semana passada, em Brasília. Macri, que já expôs abertamente seus pendores pseudo nacionalistas e retrógados ao anunciar restrições para imigrantes de países vizinhos - tal qual um Trump dos pampas – veio pedir, como era previsível, maior equilíbrio na balança com o Brasil. Leia-se facilidades para exportar mais sem a exigência de contrapartida, tornando ainda mais anacrônica a relação entre essas duas economias absolutamente desproporcionais no que produzem e ofertam. Já não bastassem os entraves argentinos na via que deveria ser de mão dupla obedecendo critérios de capacidade de cada um, Macri almeja diminuir o seu déficit na base de restrições a compra dos carros produzidos no Brasil. Um despropósito! A política argentina de licenciamento tem gradativamente imposto barreiras às importações, numa tática que fere de morte os princípios liberalizantes do bloco. O Brasil segue, teimosamente, nesse abraço de afogados carregando a tiracolo não só a Argentina como os demais integrantes, enquanto deixa de lado a possibilidade de firmar acordos bilaterais mais vantajosos com nações desenvolvidas. Qual a razão de insistir numa união aduaneira cujo único papel reservado para o principal representante do bloco, no caso o Brasil, é assistencialista? Não dá para continuar nesse toada de promoção de socorro e ajuda aos parceiros latinos em dificuldade, sem vislumbrar crescimento nos resultados de nossa balança comercial. No encontro de Macri e Temer sobraram platitudes como as dispostas na carta de intenções que se referem ao "objetivo de aprofundar a integração da infraestrutura física" dos dois

EXCLUSIVO ONLINE **istoedinheiro.com.br**

ECONOMIA | MERCADO DIGITAL | NEGÓCIOS | ESTILO | FINANÇAS | INVESTIDOR | BLOGS E COLUNAS | MULTIMÍDIA

Automóveis

Chevrolet começa 2017 dando um banho na concorrência

O ano mal começou e a Chevrolet continua deixando os concorrentes para trás. Arrancou tranquilamente para o terceiro título consecutivo. Quem puxou a marca para o alto foi a dupla Onix/Prisma, que vendeu quase o dobro dos concorrentes mais próximos. O Onix emplacou 13.900 unidades em janeiro e o Prisma vendeu 4.064. Mas não foi só a dupla Onix/Prisma que levou a Chevrolet para o alto. Sua outra dupla de grande volume, Cobalt/Spin, também fez sua parte. O Cobalt vendeu 1.633 unidades e lidera sua categoria com 58,6%. Quanto ao Spin, que é o carro preferido por 39 a cada 40 compradores de minivans, emplacou 2.061 unidades. Acesse o artigo de Sergio Quintanilha, no blog REPÚBLICA DO AUTOMÓVEL: http://bit.ly/2kqZr3Q

Negócios

Com aporte chinês, 99 intensifica disputa com Uber no Brasil

No começo de janeiro deste ano, a 99 recebeu US$ 100 milhões, em um dos maiores investimentos em startups brasileiras da história, liderado pela chinesa Didi Chuxing, a maior plataforma de transporte por meio de aplicativos do mundo. Em seu país de origem, a empresa não só venceu o Uber, como comprou a operação do aplicativo rival. Com a grana dos chineses, a 99 vai intensificar sua disputa contra o Uber. "Vamos usar o dinheiro para ampliar o serviço Pop", afirma **Ariel Lambrecht**, um dos fundadores da 99. Leia o artigo de Ralphe Manzoni Jr., no blog BASTIDORES DAS EMPRESAS: **http://bit.ly/2ktbgXJ**

FOTOS: ANDRÉ COELHO | FABIO GONZALEZ | FELIPE GABRIEL

países. Também houve espaço para planos ambiciosos como o de ocupar as lacunas deixadas pelos EUA no plano internacional via quebra de acordos de livre comércio. Alvo um dessa dupla: o México, nos últimos tempos abandonado à própria sorte. A estratégia nesse sentido ainda não está bem definida. Temer e Macri, em suas conversas, passaram ao largo de questões concretas como o voto de apoio à pretensão brasileira de ocupar uma vaga permanente no conselho de segurança da ONU. Ponto para Macri, que não tem papas na língua, pede o que quer e não ouve, em contrapartida, qualquer exigência do interlocutor. Decerto, o que esse encontro voltou a demonstrar é a crescente irrelevância do Mercosul. Do jeito que vai, seu futuro não é nada promissor.

Carlos José Marques, diretor editorial

Índice

TABELINHA COMERCIAL: Brasil e Argentina jogam para aumentar as exportações entre os dois países... pág. 24

CLASSE MÉDIA: liberação do FGTS, ampliação do Minha Casa Minha Vida e queda dos juros podem elevar o PIB... pág. 30

A PROVA FINAL DA KROTON: após parecer duro do Cade, fusão entre Kroton e Estácio fica ameaçada... pág. 42

CAPA: o que está por trás da nova onda de IPOs. Saiba quais empresas querem ter você como sócio... pág. 36

SEMANA – E Temer vai de Alexandre de Moraes no STF... pág. 10

MOEDA FORTE – O presidente do Pão de Açúcar, Ronaldo Iabrudi, faz balanço de 2016... pág. 12

SUSTENTABILIDADE – Construções sustentáveis... pág. 14

ENTREVISTA – Felipe Salto, diretor executivo da Instituição Fiscal Independente... pág. 18

DINHEIRO E TECNOLOGIA – Apple fica à frente da Samsung... pág. 52

COBIÇA – Vá para Cuba com estilo... pág. 55

DINHEIRO DO INVESTIDOR – Rumo à América: gestores brasileiros fazem sucesso nos EUA... pág. 59

ARTIGO – Trump e os banqueiros... pág. 66

CAPA – Claudio Gatti

Tecnologia

A revolução digital chegou às fazendas

O termo agricultura digital vem se tornando recorrente no agronegócio, mas o que significa de fato e por que isso é importante? Seria apenas uma moda, uma roupagem fashion para os negócios da lavoura? É evidente que não. O futuro da agricultura passa por esse conceito, e isso tem a ver diretamente com produtividade, desempenho e sustentabilidade. Entenda por que no artigo de Clayton Melo, no blog CULTURA DIGITAL: **http://bit.ly/2k4akKe**

DINHEIRO 90'

Como usar as horas livres para turbinar sua carreira

O tempo livre também pode ser um importante aliado para o seu sucesso. Acompanhe as dicas de **José Roberto Securato Junior**, conselheiro da Saint Paul Escola de Negócios e vice-presidente do Ibevar.

BLOGS E COLUNAS

Nossos blogueiros e colunistas analisam a economia, os negócios, o consumo e muito mais! Confira no site da DINHEIRO:

Gestão de marcas
Por Eduardo Tomiya

Empreendedorismo Sustentável
Por Rosenildo Ferreira

Blog do Clayton Netz
Por Clayton Netz

Vídeo

Novas apostas na bolsa

A estreia da Movida na bolsa de valores foi a primeira de uma série que deve se repetir nas próximas semanas. O editor **Márcio Kroehn** explica por que as empresas voltaram a olhar para o mercado de capitais e o que isso significa para a economia.

Dinheiro na semana

POR MÁRCIO KROENHN E PAULA BEZERRA

Justiça

Alexandre de Moraes é o homem de Temer no STF

QUASE LÁ: o presidente Michel Temer (à esq.) indicou o ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, para o STF. Agora, falta o Senado aprovar

O ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, foi indicado pelo presidente Michel Temer para a vaga de Teori Zavascki, no Supremo Tribunal Federal (STF). Temer usou sua prerrogativa constitucional de indicar o ministro de sua preferência. Ao fazê-lo, cumpriu a promessa de substituir Zavascki assim que a presidente da Corte, Cármen Lúcia, indicasse quem seria o relator da Operação Lava Jato. Há duas semanas, Luiz Edson Fachin foi escolhido, em sorteio, para cuidar dos processos que estavam nas mãos de Zavascki, morto num acidente aéreo. Moraes, porém, não ficará distante da mais importante investigação criminal do País: ele será um

Gestão

Decolar troca de piloto

Roberto Souvirón, fundador da Decolar, a maior operadora de viagens na internet da América Latina, decidiu se afastar dos negócios. Desde 1999 no comando da empresa, Souvirón alegou que precisava dedicar mais tempo à família e deixou imediatamente a presidência. Em seu lugar, assumiu Damián Scokin, que foi executivo da Latam Argentina e da McKinsey. A Decolar está presente em 21 países e tem US$ 3,5 bilhões de faturamento.

Carreira

Valente volta ao jogo

O executivo Antonio Carlos Valente, ex-presidente da Telefônica no Brasil, assumiu a presidência da espanhola Everis no País. Adquirida pela NTT Data, unidade de sistemas da gigante japonesa NTT, em 2013, a Everis é responsável pelo desenvolvimento de softwares para diversos segmentos, como finanças, seguros, saúde e tecnologia da informação. Presente em 40 países, a espanhola faturou € 13 bilhões, em 2016. Quando deixou a Telefônica em 2015, Valente passou a atuar como consultor da problemática Unimed-RJ.

Negócios

L'Oréal e o prejuízo Body Shop

A francesa L'Oréal estuda vender a Body Shop, mais de dez anos após comprar a empresa britânica de cosméticos. A estratégia veio depois de um ano de forte queda nas vendas. O prejuízo da Body Shop passou de € 7,2 milhões para € 22,2 milhões. A rede representa apenas uma pequena parte da receita total da L'Oréal, que somou € 12,9 bilhões no primeiro semestre de 2016. O mercado estima que o valor da venda possa chegar a € 1 bilhão. Alguém se arrisca?

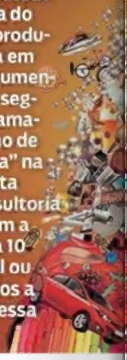
Aquisição

Accor mira o luxo

A multinacional Accor anunciou que está em negociação para adquirir a americana Travel Keys, uma das maiores empresas de aluguel de imóveis de luxo no mundo. Essa será a terceira compra no segmento em menos de um ano. A startup inglesa Onefineystay e a Squarebreak passaram a fazer parte da Accor no ano passado. Assim que o negócio se concretizar, a rede francesa passará a ter 8,5 mil propriedades de luxo para alugar no mercado.

NA ERA DO LUXO

Mesmo com a pior recessão econômica da história do Brasil, o mercado de produtos *premium* continua em alta. Em 12 meses, o aumento de consumo desse segmento superou os chamados "Bens de Consumo de Movimentação Rápida" na América Latina, aponta estudo global da consultoria Nielsen. De acordo com a análise, nove em cada 10 brasileiros estão total ou parcialmente dispostos a pagar por produtos dessa categoria.



Fonte: Nielsen

FOTOS: AILTON DE FREITAS | ZACA OLIVEIRA / AG. ISTOÉ | MARCELO GOMEZ

dos revisores do caso, ao lado do decano Celso de Mello. Ligado ao PSDB, Moraes se desfiliou da sigla na semana passada. Ele ainda será sabatinado no Senado (o que deve acontecer na semana anterior ao Carnaval). O prazo será decidido pelo ex-ministro de Minas e Energia, Edison Lobão (PMDB-MA), que foi indicado para comandar a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado, uma das mais poderosas do Legislativo. Na semana passada, opiniões controversas de Moraes vieram à tona, como sua posição contrária a que pessoas com cargo no Executivo ascendam ao STF. Moraes será questionado sobre isso, mas deverá passar na sabatina.

Tecnologia

Intel cede a Trump

Em meio aos embates das empresas de tecnologia contra o presidente dos EUA, Donald Trump, a gigante Intel anunciou um investimento bilionário. Após se reunir com o republicano na Casa Branca, o diretor-executivo da empresa, Brian Kzarnich, informou que aportará US$ 7 bilhões em uma fábrica no estado do Arizona. O montante criará três mil empregos diretos e 10 mil indiretos. A decisão de investimento foi adotada em apoio à política econômica de Trump. Enquanto isso, Apple, NetFlix, Facebook e Microsoft entraram com um processo em conjunto na Justiça contra as barreiras de imigração impostas pelo presidente.

Internacional

A segunda temporada de Azevêdo

O brasileiro Roberto Azevêdo deve conseguir um fato inédito da Organização Mundial do Comércio: ser reeleito como diretor-geral com três meses de antecedência. Há consenso sobre a permanência do brasileiro, o que confirma o prestígio adquirido nesses quatro anos à frente das discussões comerciais no mundo, como ter derrubado uma barreira de subsídios agrícolas que estava em discussão havia 54 anos.

AZEVÊDO

NÚMEROS

R$ 15 bilhões
É O VALOR que a força-tarefa da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional e da Receita Federal vai cobrar de pessoas e empresas investigadas pela operação Lava Jato.

R$ 10,7 bilhões
FOI O SAQUE da poupança em janeiro, de acordo com o Banco Central. O valor é o segundo pior para o mês na série compilada histórica desde 1995.

R$ 8,5 bilhões
FOI A AMPLIAÇÃO total do crédito para financiamento que o governo federal destinou ao programa Minha Casa Minha Vida.

R$ 3,2 bilhões
SERÁ O INVESTIMENTO total para finalizar as obras da ferrovia Transnordestina. O governo arcará com uma parte e a CSN, a sócia privada do projeto, aportará R$ 1,8 bilhão.

US$ 5 milhões
FOI O CUSTO MÉDIO dos comerciais publicitários do Super Bowl, a final do futebol americano, maior evento esportivo do mundo. Os direitos de transmissão são da americana Fox.

METADE DOS BRASILEIROS CONSULTADOS ACREDITA QUE VALE A PENA O INVESTIMENTO EM PRODUTOS *PREMIUM*. AS CATEGORIAS MAIS PROCURADAS SÃO:
** (mais de uma resposta por categoria)*

- Roupa ou sapato 40%
- Cuidado capilar 34%
- Eletroeletrônicos 40%
- Higiene bucal 34%
- Carne ou frutos do mar 35%

OS PRINCIPAIS MOTIVOS PARA O AUMENTO DE CONSUMO SÃO:

- Padrões de segurança e qualidade 93%
- Proporciona funções superiores 90%
- Faz algo que nenhum outro produto proporciona 90%
- Contêm ingredientes orgânicos/naturais 89%
- Contêm materiais sustentáveis 89%

Por Carlos Sambrana
COM CARLOS EDUARDO VALIM

A AUTOCRÍTICA DO PÃO DE AÇÚCAR

O varejo de alimentação tem passado por uma profunda transformação, com a mudança de perfil dos consumidores e as redes se adaptando a essa nova realidade. O Grupo Pão de Açúcar que o diga. O grupo, controlado pelo francês Casino e comandado no Brasil pelo executivo Ronaldo Iabrudi, cresceu, mas, para isso, mudou sua forma de operar. "Posso dizer que 2016 foi um ano de revisitar nossos fundamentos básicos. Trabalhamos para adequar nossos negócios à realidade do mercado", diz Iabrudi. Segundo resultados divulgados em janeiro, em 2016, a operação de alimentos, que inclui as redes Extra, Pão de Açúcar e Assaí, teve uma receita líquida de R$ 41,45 bilhões, 11,4% a mais do que em 2015. Iabrudi contou à coluna os principais desafios para manter a empresa saudável e as suas expectativas para 2017. Acompanhe:

O ano passado foi difícil para todos os setores da economia. Quais lições o Pão de Açúcar tirou dessa crise?
Posso dizer que 2016 foi um ano de revisitar nossos fundamentos básicos. Trabalhamos para adequar nossos negócios à realidade do mercado. Para isso, elencamos três focos estratégicos prioritários na nossa operação, que nortearam todo o nosso trabalho no último ano, alinhados ao atual cenário extremamente desafiador e competitivo em que estamos e, principalmente, à necessidade do consumidor, cada vez mais seletivo, exigente e informado. Todas as ações realizadas tiveram como foco produtividade e eficiência, otimização de processos, simplificação da operação e inovação em várias atividades comerciais, para melhor atender o cliente.

Quais foram os focos?
O primeiro deles foi exatamente retornar aos fundamentos do varejo. A velha máxima "fazer o básico bem feito" nunca foi tão necessária e urgente. Desta forma, avaliamos sortimento e apresentação de produtos, reduzimos ruptura, trabalhamos na gestão de categorias e de promoções, avaliamos o nível de atendimento ao cliente, ou seja, o cotidiano do varejo ganhou um olhar ainda mais atento do time.

E em relação aos processos?
Buscamos, ao máximo, simplificar o funcionamento e a tomada de decisões da companhia. Criamos três unidades de negócio – Multivarejo (Pão de Açúcar, Extra e proximidade), Assaí e, por último, Via Varejo (off line e online) – buscando a máxima integração de processos com foco no cliente. Adotamos uma rígida disciplina transversal em custos, com investimentos e capital de giro para garantir nossa total aderência ao cenário desafiador do mercado.

E no mix das lojas, aconteceram mudanças?
No ano passado, realizamos uma análise estratégica do nosso portfólio de loja, que nos levou a repensar investimentos de maneira muito mais assertiva. Esta análise nos levou a focar na abertura de lojas em bandeiras de maior retorno (foram 13 Assaí, 14 lojas Minuto Pão de Açúcar, 2 Pão de Açúcar), no fechamento de unidades de baixo desempenho e no plano de conversões para formatos mais adequados ao seu entorno. Convertemos duas lojas da bandeira Extra Hiper em Assaí, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Resumidamente, trabalhamos neste ano que passou com o olhar para "dentro", com os olhos dos clientes, reestruturando a companhia e os negócios para o momento da retomada da economia. Alguns dos números da nossa operação, como o crescimento de vendas no varejo alimentar e o desempenho excepcional do Assaí, mostram que estamos no caminho certo.

O senhor disse que está se preparando para uma retomada da economia. Já dá para perceber uma maior demanda do consumidor?
Acredito que ainda é cedo para falar em uma retomada da economia e do varejo brasileiro. Retomar patamares de nível de confiança do consumidor envolve uma série de medidas, como empregabilidade, renda e disponibilidade de crédito. Ainda não vimos nas nossas lojas o reflexo de indicadores noticiados recentemente e que sinalizam o início de um processo de retomada. Seguimos confiantes, mas muito cautelosos que nosso diagnóstico tem sido bem feito e que a estratégia traçada começa a dar frutos, nos deixando mais fortalecidos e preparados para o período de retomada.

FOTO: LUIS USHIROBIRA (VALOR)

MERCADO **AQUECIDO**

O mercado de executivos de alto escalão parece estar voltando aos eixos. Pelo menos, essa é a visão de **Ademar Couto**, sócio-diretor da inglesa Odgers Bernedtson no Brasil, empresa que atende companhias como BTG Pactual, Cielo, Nestlé, Unilever, entre outras. "Em janeiro, acompanhamos um aquecimento como não se via há muito tempo", diz Couto. "Em apenas um mês, já faturamos um terço do nosso resultado de todo o ano passado." Atualmente, Couto está coordenando a contratação de 35 executivos C-Level para empresas de setores como farmacêutico, bancário, varejo e agronegócio.

AGORA **É A HORA**

O perfil do executivo procurado também mudou. Se, no ano passado, a busca era por profissionais mais focados em controle de gastos, agora a ordem é encontrar gente qualificada para projetos de expansão. "Muitas empresas estão se preparando para um momento de boom", diz Couto. Apesar de a economia ainda não ter deslanchado, a ideia é contratar bons executivos agora para não ter de pagar um salário muito alto lá na frente.

PLÁSTICA **SIGILOSA**

Em tempos de celulares com câmeras e exposição em redes sociais, um dos mais importantes cirurgiões plásticos do País, o médico Alexandre Senra, tem adotado uma tática de guerra para proteger a identidade de seus pacientes – a maioria formada por empresários e políticos. Para não chamar a atenção e garantir o sigilo, ele costuma internã-los tarde da noite, fazer a cirurgia de madrugada e liberar em horários de pouco movimento no hospital. As intervenções mais procuradas pelos homens são na pálpebra e na papada do pescoço. "Acabei de operar dois deputados federais", diz ele, sem revelar se os políticos estariam fazendo retoques para apagar as rugas causadas pelas delações que virão pela frente.

NOVOS VENTOS **NO RADAR?**

No Brasil, é comum o empresário ter de se virar para entregar o que prometeu, mesmo que a infraestrutura não permita. Foi o que aconteceu com a Casa dos Ventos, empresa que desenvolve e constrói parques eólicos no Nordeste. Diante da falta de linhas de transmissão para fazer a energia gerada chegar até as distribuidoras – um problema crítico do setor –, a companhia construiu suas próprias linhas de transmissão. "Hoje, temos conhecimento para isso", diz Lucas Araripe, diretor de novos negócios da Casa dos Ventos. "E podemos entrar nessa área."

EMPREENDEDOR **EM SÉRIE**

Criada em 2007 pelo empresário **Mario Araripe**, o mesmo que vendeu a marca de jipes Troller para a Ford, em 2006, por R$ 700 milhões, a Casa dos Ventos tem um portfólio de respeito. Desde 2015, inaugurou cinco parques eólicos capazes de gerar 1,1 mil MW. "O investimento total em todos os projetos gira ao redor de R$ 6,5 bilhões", diz Lucas Araripe. Dois complexos já foram vendidos por R$ 2 bilhões para a inglesa Cubico Sustainable Investments e novos podem ser comercializados. Detalhe: a empresa tem mapeadas e aprovadas áreas capazes de gerar mais 15 mil MW.

DE OLHO NA **RETOMADA**

O setor de caminhões, definitivamente, é um dos que mais sofreu com a crise econômica. Em 2013, no auge, as montadoras venderam 103 mil unidades. No ano passado, entretanto, foram apenas 29,7 mil. Por isso, qualquer melhora já é comemorada. A Scania, por exemplo, espera um ano melhor. "Nossa expectativa é vender 15% a mais do que em 2016", diz Victor Carvalho, diretor de vendas da montadora sueca no Brasil. Detalhe: em 2016, a companhia comercializou 4,24 mil unidades.

LEGO DOS **CAMINHÕES**

Com capacidade de produção de 25 mil veículos pesados, a empresa aposta em um modelo de produção modular. "Somos conhecidos como a Lego dos caminhões", diz Carvalho referindo-se ao famoso brinquedo de peças de encaixar. "Conseguimos adaptar os caminhões às necessidades dos clientes." Um bom exemplo disso é o caminhão blindado, criado especialmente para empresas de transporte de valores que também passaram a transportar cargas muito visadas como cigarro, medicamentos e equipamentos eletrônicos. "Já vendemos uma unidade neste ano e temos consultas para outras", afirma Carvalho.

Sustentabilidade

POR RODRIGO CAETANO

AS VANTAGENS DA CONSTRUÇÃO VERDE

Construir de modo sustentável não é bom somente para a imagem das empresas. Financeiramente, é vantajoso. "As boas práticas reduzem substancialmente o risco para os investidores", afirma Felipe Faria, diretor do Green Building Council (GBC), organização responsável por emitir no País o certificado Leed, que estabelece as melhoras práticas de construção sustentável. É o que mostra um estudo realizado pela entidade comparando o desempenho de mercado dos empreendimentos comerciais certificados e não certificados. Na capital carioca, em média, o valor de locação por metro quadrado é 24% maior em edifícios com Leed: R$ 146, ante R$ 117. Em São Paulo essa diferença é de 10%. Na região da avenida Faria Lima, que concentra grandes empresas, porém, a diferença chega a 40%. A taxa de vacância em prédios certificados é 7% menor, no Rio, e 9,5% menor, em São Paulo. Já o valor do condomínio, para quem não segue as normas do GBC, aumenta 12% na capital paulista e 25% no Rio. Isso se deve à maior eficiência das edificações. Para obter o certificado, é preciso atender a critérios como economia de água e luz, climatização adequada e boa qualidade do ar. Isso pode ser obtido com elevadores inteligentes, painéis solares e materiais mais modernos, por exemplo. Nos dez anos de atuação do GBC no País, mais de 1,2 mil projetos foram registrados, o quarto maior volume do mundo. Desse total, 393 foram certificados.

FINANÇAS SUSTENTÁVEIS

O desempenho de mercado dos edifícios comerciais certificados e não certificados

VALOR DE LOCAÇÃO (por m²)

SÃO PAULO

Leed	R$ 104,52
Convencional	R$ 94,52

RIO DE JANEIRO

Leed	R$ 146,63
Convencional	R$ 117,74

VALOR DO CONDOMÍNIO (por m²)

SÃO PAULO

Leed	R$ 22,80
Convencional	R$ 25,70

RIO DE JANEIRO

Leed	R$ 29,85
Convencional	R$ 37,48

Moda

BELEZA **ROUBADA**

A grife de moda íntima Victoria's Secret está passando por maus bocados. A empresa publicou uma foto, no Facebook, de uma de suas "Angels", de costas. O problema é que, claramente, a imagem havia sido manipulada. Parte da nádega esquerda e do braço direito da modelo foram retiradas para emagrecer, ainda mais, seu corpo. O trabalho gerou revolta entre as seguidoras da marca. Isso acontece no momento em que a empresa sofre a concorrência de novas grifes que apostam em modelos mais realistas. É o caso da Aerie, que, oficialmente, abandonou o uso do software de imagem Photoshop em suas fotos em 2015. Desde então, as vendas da empresa cresceram mais de 18%. No mesmo período, a Victoria's Secret apresentou desempenho modesto, com alta de 3%. Segundo especialistas, a manipulação das imagens de corpos já quase irreais, e muito difíceis de obter, reduz a confiança das consumidoras na marca.

Amazônia

TURISMO **ECOLÓGICO**

As ONGs Wildlife Conservation Society (WCS) e Instituto Mamirauá, de proteção ao meio ambiente, lançaram um programa que une turismo, voluntariado e o monitoramento de animais silvestres. Interessados em conhecer a Floresta Amazônica podem participar da iniciativa ao se hospedarem na pousada Tropical Tree Climbing (*foto*), que fica próxima à cidade amazonense de Presidente Figueiredo. Sob a supervisão de cientistas das ONGs, o turista-voluntário irá ajudar a instalar armadilhas fotográficas para capturar imagens dos animais, em especial a onça-pintada. Em seguida, farão a análise das fotos, ajudando a entender o comportamento das espécies, seus hábitos e ameaças. O objetivo é conscientizar e engajar as pessoas na proteção da biodiversidade.

Tecnologia

EM BUSCA DE **INVESTIMENTOS**

Os responsáveis pelo projeto do Parque Científico e Tecnológico de Biociências (Biopark), em Toledo (PR), farão, na sexta-feira 17, um encontro com construtoras e incorporadoras interessadas em parcerias e atrair investimentos para o local. O ambicioso projeto, capitaneado pelo casal Luiz e Carmen Donaduzzi, fundadores da Farmacêutica Prati-Donaduzzi, compreende uma área total de 4 milhões de metros quadrados e tem o objetivo de se tornar o maior parque tecnológico de biociências do País. Ele contará com um prédio da Universidade Federal do Paraná, um condomínio industrial, centro de pesquisas, além de um hospital e incubadoras de empresas. O investimento inicial, feito pela família Donaduzzi, é de R$ 100 milhões.

Empresas do bem

Saúde

SANGUE NOVO

Pela terceira vez em quatro anos, a companhia de energia Furnas encontrou um doador compatível de medula óssea por meio de seu programa de doação de sangue. O eletricista Leonardo José Pereira, funcionário da empresa, irá ajudar a salvar a vida de um paciente de Belo Horizonte. Em parceria com o Grupo Pró-Medula, a empresa já cadastrou mais de 1,6 mil pessoas no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea. A chance de encontrar um doador compatível é de 25% entre irmãos de mesmo pai e mesma mãe. A compatibilidade entre não familiares é de uma em 100 mil.

Israel

ASSENTAMENTOS **ILEGAIS**

O secretário-geral da ONU, António Guterres, criticou uma lei aprovada por Israel que regulariza assentamentos na Cisjordânia, território palestino. Guterres lamentou que o projeto tenha passado pelo Knesset, órgão legislativo israelense, na segunda-feira 6, e afirmou isso viola o direito internacional. Uma semana antes, especialistas em direitos humanos já haviam protocolado, na ONU, um pedido para que o órgão tomasse medidas diplomáticas contra a expansão dos assentamentos em território palestino. Israel, no entanto, ainda planeja construir mais seis mil casas na região.

EDITOR E DIRETOR RESPONSÁVEL
DOMINGO ALZUGARAY

EDITORA
CÁTIA ALZUGARAY

PRESIDENTE EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

Dinheiro

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MILTON GAMEZ

TEXTO
Redator-Chefe: Carlos Sambrana
Editores: Cláudio Gradilone, Hugo Cilo, Luís Artur Nogueira, Márcio Kroehn e Ralphe Manzoni Jr.
Editores-Assistentes: Gabriel Baldocchi, Flávia Galembeck e Rodrigo Caetano
Reportagem: Carlos Eduardo Valim, Ivan Ryngelblum, Moacir Drska, Paula Bezerra e Roger Marzochi

ARTE
Diretor de Núcleo: Paulo Roberto Aloe
Chefe de Arte: Cinthia Behr
Diagramadores: Iara Spina, Jefferson Barbato e Christiane Pinho
Ilustração: Evandro Rodrigues **(chefe)** e Ricardo Alonso
CTI: Daniel Costa **(chefe)**
Projeto Gráfico: Ricardo van Steen **(colaborou** Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ONLINE
Editores: Carlos Dias e Geovana Pagel **Reportagem:** André Jankavski
Webdesign: Marianne Braack

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Bruno de Los Santos Fortuna **Arquivo:** Eduardo A. Conceição Cruz

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello. **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro. **Auxiliar:** Lucio Fasan
Secretária em Brasília: Suely Melo

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Diretor de Vendas Pessoais: Wanderlei Quirino
Gerente OnLine e Projetos Especiais: Solange Chiarioni
Gerente de Venda Avulsa e Logística: Luciano Sinhorini
Gerente Geral de Planejamento: Reginaldo Marques

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira das 9h às 20h30.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

MARKETING – Diretor: Rui Miguel. **Assistente de Marketing:** Andréia Silva

PUBLICIDADE – Diretor Nacional: Maurício Arbex
Diretoras de Publicidade: Ana Diniz, Tida Cunha. **Secretária de Diretoria:** Regina Oliveira. **Executivos de publicidade:** Andréa Pezzuto, Elisângela Simões, Luciano Tomaze Tânia Macena **Executivos de Negócios:** Batista Foloni Neto, Eduardo Nogueira, João Fernandes, Luiz Sérgio Siqueira, Regiane Valenta. **Assistentes:** Valéria Esbano
Executiva de Negócios Mídias Digitais: Carla Dubinskas **Coordenador:** Gilberto di Santo Filho. **MARKETING PUBLICITÁRIO E EVENTOS – Gerente:** Maria Bernadete Machado **Assistentes de Marketing Publicitário e Eventos:** Marília Gambaro e Marília Trindade.
Criação – Redator: Bruno Modolo. **Arte:** Pedro Roberto de Oliveira. **RIO DE JANEIRO-RJ: Gerente-Executiva:** Felipe Drummond. **Coordenadora de Publicidade:** Dilse Dumar. Tel.: 21 2107 6667 • Fax: 21 2107 6669 – **BRASÍLIA-DF: Gerente:** Marcelo Strufaldi. Tel.: 61 3223 1205 / 3223 1207 • Fax: 61 3223 7732 – **ARACAJU-SE:** Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • Tel.: 79 3246 4139 / 9978 8962 – **BELÉM-PA:** Gilcia Diocesano • Dandara Representações • Tel.: 91 3242 3367 / 8125 2751 – **BELO HORIZONTE-MG:** Célia Maria de Oliveira • 1ª Página Publicidade Ltda. Tel./fax: 31 3291 6751 / 9983 1783 – **CAMPINAS-SP:** Wagner Medeiros • Parlare Comunicação Integrada • Tel.: 19 8238 8608 / 3579 8808 – **CURITIBA-PR:** Maria Marta Graco • MGC Representações • Tel./fax: 41 3223 0060 / 9962 9554 – **FLORIANÓPOLIS-SC:** Anuar Pedro Junior e Paulo Velloso • Comitê Negócios • Tel.: 48 9986 7640 / 9989 3346 – **FORTALEZA-CE:** Leonardo Holanda • Nordeste MKT Empresarial • Tel.: 85 9724 4912/ 8832 2367 / 3038 2038 – **GOIÂNIA-GO:** Paula Centini • Centini Comunicação • Tel./fax: 62 9221 5575 / 3624 5570 – **PORTO ALEGRE-RS:** Roberto Gianoni e Thiago Soll • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda. • Tel./fax: 51 3388 7712. **RECIFE-PE:** André Nicéas e Eduardo Nicéas • Nova Representações Ltda. • Tel./fax: 81 3227 3433 / 9104 1043 / 9164 8231 – **RIBEIRÃO PRETO-SP:** Andréa Gebin • Parlare Comunicação Integrada • Tel.: 16 3236 0016 / 8144 1155 – **VILA VELHA-ES:** Didimo Effgen • Dicape Representações e Serviços Ltda. • Tel./fax: 27 3229 1986 / 8846 4493 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria • GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda. • Tel.: 55 11 99163 3062

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e administração:** Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 • Fax da redação: 11 3618 4109.
Sucursais: Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso nº 63, sala 1510, tel.: 21 2107 6650 e fax 21 2107-6669, Brasília: SCS, Quadra 2, Bl. D, Ed. Oscar Niemeyer, sala 201 a 203, tel.: 61 3321 1212 e fax 61 3225 4062.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda.
Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil: FC Comercial e Distribuidora S.A., Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, 1678, sala A – Osasco-SP. Tel.: 11 3789 3000
Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – CEP 07750-000 – Cajamar – SP.

ANER

CARTAS, E-MAILS E MENSAGENS

Sua empresa está preparada para a retomada?

Isto é qualidade e matéria bem produzida. Pena que a grande massa da população não veja. É a crise dando suas lições.

Luiz dos Santos
Comentário via Facebook

Somente quando o povo colocar um fim na corrupção é que o Brasil se tornará um país de Primeiro Mundo.

Marcos Valêncio
Comentário via Facebook

No caso da Saint Gobain, já que o setor de grandes construções caiu, deveria dar atenção aos pequenos consumidores, pois esses nunca param de reformar.

Berta Borges
Comentário via Facebook

O Brasil só voltará a crescer quando e na medida que os Estados Unidos determinarem.

Gerson Ribeiro
Comentário via Facebook

Empresários contra Trump

Eles são corporativistas e Donald Trump está acabando com as regulamentações que prejudicam os pequenos empresários e favorecem lobistas. Muito simples.

Luiz Pires
Comentário via Facebook

Vivemos em uma globalização, na qual todos dependem uns dos outros, mas especialmente os americanos que estão com os seus negócios no mundo todo. Os Estados Unidos têm muito mais a perder com essa política discriminatória do que os outros países.

Alcino André Lages
Comentário via Facebook

São empresas globais e sabem que terão retaliações. Por que os outros países teriam que aceitar as ordens de Trump sem reações? Ele fecha seu mercado americano e quer que o mercado dos outros continue aberto na base da porrada? Os empresários sabem que não é bem assim que funciona.

João Pamplona Vilela
Comentário via Facebook

A guerra das locadoras

A guerra de preços já chegou. Este ano, em Porto Seguro (BA), em pleno verão, a Localiza e a Movida estavam alugando carro a R$ 75 a diária. Ano passado, no mesmo mês de janeiro, as diárias eram R$ 120.

Marco Roberto
Comentário via Facebook

Ainda é caro alugar automóveis no Brasil, se comparado a países como Estados Unidos, Chile e Colômbia. Veículos muito caros e básicos.

Felipe Ribeiro
Comentário via Facebook

Dinheiro que traz saúde

É por isso que querem acabar com o SUS, para que os estrangeiros venham abocanhar a saúde no Brasil.

Francisco Brito
Comentário via Facebook

Errata

Diferentemente do que foi publicado na reportagem "Big Brother da Saúde", a perspectiva da Confederação Nacional das Empresas de Seguros (CNSeg) para o setor, neste ano, varia entre 9% e 11%.

Fale conosco

Cartas para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, DINHEIRO, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo - SP, CEP 05067-900. Fax: (011) 3618-4109. Internet: Acesse o portal www.istoedinheiro.com.br, escreva mensagens nas páginas da revista nas redes sociais ou mande e-mail para faleconosco@istoedinheiro.com.br. As cartas e mensagens poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou incompreensão.

"A luz do Sol é o melhor desinfetante para as contas públicas"

Por Cláudio GRADILONE

O dia a dia da política frequentemente disfarça o fato de que uma das funções mais importantes do Parlamento é fiscalizar as contas públicas. Legislativo e transparência não são palavras que costumam andar juntas. No entanto, no que depender do economista paulista Felipe Salto, primeiro diretor-executivo da Instituição Fiscal Independente (IFI), isso vai mudar. O novo órgão, que começou a funcionar em janeiro, inspirou-se na experiência de outros 30 países. Nos Estados Unidos, o Congressional Budget Office (CBO) dedica-se a esquadrinhar o orçamento desde 1972. Por aqui, a IFI, que é um órgão vinculado ao Senado, terá o papel de acompanhar os gastos e as receitas do governo em todas as esferas. Com uma equipe enxuta de sete pessoas, entre economistas e especialistas em finanças públicas, o IFI deve divulgar relatórios mensais, traçar projeções, encontrar distorções e ser uma pedra no sapato do Executivo, do Judiciário e do próprio Legislativo. A ideia é fazer barulho, o máximo possível. "A luz do sol é o melhor desinfetante, e quando você começa a dar transparência às contas públicas, a administração do dinheiro tende a ser melhor", diz Salto, remetendo ao juiz americano Louis Brandeis. Ele falou à DINHEIRO:

DINHEIRO – Como um órgão como a IFI pode ajudar a gestão pública?

FELIPE SALTO – *Um dos problemas da crise fiscal no Brasil é a falta de transparência. Vivemos uma era de contabilidade criativa, cujo expoente foram as chamadas pedaladas fiscais. Tudo isso aconteceu apesar de diversas consultorias independentes e economistas respeitados terem alertado para essa escalada irresponsável dos gastos. Se existisse a IFI, ela teria tocado um sinal de alerta mais forte, pois teria a independência necessária para isso.*

DINHEIRO – Como a IFI vai garantir sua independência?

SALTO – *Somos três diretores. O diretor-executivo e os outros dois diretores que vão compor o conselho diretor têm mandato fixo. O diretor executivo é indicado pela Presidência do Senado e os outros dois diretores são indicados por comissão. A partir do ano que vem, a IFI terá autonomia orçamentária, e os recursos não são contingenciáveis, ou seja, não podem ser cortados. As duas pernas da independência são essas: mandato fixo e autonomia orçamentária.*

DINHEIRO – Por que mais transparência melhora a gestão?

SALTO – *Dando transparência às contas, a aplicação do dinheiro tende a ser melhor. Tem uma frase do juiz americano Louis Brandeis de que a luz do Sol é o melhor desinfetante. Ela acaba com o mofo e dá condições para trabalhar melhor. À noite, todos os gatos são pardos, não se consegue enxergar nada, nem diferenciar nada. Quando você colocar luz sobre os gastos públicos, a sociedade vai poder decidir melhor como alocar os recursos, ainda que seja indiretamente, por meio dos seus representantes eleitos. Com mais informações, talvez a sociedade comece a se mobilizar mais para saber quanto custam os projetos de lei, quanto custa o reajuste para determinadas categorias de servidores públicos. Por exemplo, quando você começa a mostrar e a diferenciar, isso explicita os trade-offs: quanto custa fazer mais de uma coisa e deixar de fazer outra. Por exemplo, quando decidimos dar mais subsídio para o BNDES, deixamos de fazer mais Bolsa Família, ou vice-versa. Quem tem de decidir isso é a sociedade, por meio dos seus representantes eleitos. Hoje, é tudo muito obscuro.*

> "Em 2009, advertimos que esse expediente de manipulação das contas poderia nos colocar em um caminho perigoso"

Dilma, pedalando em Brasília: mal talvez pudesse ter sido evitado

DINHEIRO – Como a IFI poderia impedir a volta da contabilidade criativa e das pedaladas fiscais?

SALTO – *Em 2009, escrevi um artigo com o ex-ministro Mailson da Nóbrega com o título "Contabilidade criativa turva meta fiscal". Foi a primeira vez que apareceu o termo contabilidade criativa se referindo às práticas contábeis do governo. Lá, em 2009, nós advertimos que esse expediente de manipulação das contas poderia nos colocar em um caminho perigoso. Fomos chamados de pessimistas, mas nossa preocupação se provou correta.*

DINHEIRO – Como assim?

SALTO – *Por exemplo, no caso dos abatimentos da meta. O governo tinha uma meta de superávit de 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Ele gastava 0,5% com investimento e dizia que era possível abater esse gasto da meta fiscal. Depois, passou-se a abater as desonerações. O argumento era: já que eu estou abrindo mão de imposto para gerar empregos e estimular a economia, eu posso reduzir minha meta fiscal. Sempre se encontram justificativas excelentes para fazer o mal. Se a IFI já existisse, ela teria apontado esse erro com força no nascedouro e isso talvez pudesse ter sido evitado.*

DINHEIRO – A sociedade tem a impressão de que o orçamento é obscuro. O sr. concorda?

SALTO – *Sim, para você conseguir tirar uma informação do orçamento você precisa de especialistas. O Senado tem uma consultoria de orçamento, a Câmara tem uma consultoria de orçamento. Mesmo assim, para saber quanto o governo gastou com o Fies, algo que deveria ser simples, é preciso consultar os sistemas, inserir filtros. Cada programa do governo é um conjunto de ações, e não é trivial saber quais são essas ações para fazer a consulta certa. A IFI fará relatórios e interpretações, para divulgar essas informações de uma forma mais palatável. Por exemplo, qual será o peso sobre o Tesouro se o Judiciário conceder uma gratificação relevante para uma determinada categoria.*

DINHEIRO – Isso não vai fazer a IFI ser a instituição mais popular no serviço público. Qual foi a reação do Executivo?

SALTO – *Fomos conversar no Ministério da Fazenda e no Ministério do Planejamento. Eles sabem que se a IFI não incomodar, ela não vai servir para nada. Ela tem de ser uma pedra no sapato. Não será uma coisa chata de ficar discutindo minúcias, mas alertar para os cenários e calcular o impacto das coisas. Essa é uma conta que não se faz. Por exemplo, no nosso primeiro relatório, que divulgamos na primeira semana de fevereiro, projetamos um déficit de R$ 182 bilhões para o setor público neste ano, o que supera os R$ 143,1 bilhões que estão previstos no Orçamento. O Ministério da Fazenda já entrou no debate, acha que as nossas projeções são conservadoras, e é bom que haja esse diálogo. O pior dos mundos seria se tivéssemos publicado o relatório e não tivesse havido nenhuma reação. Houve reação da Fazenda e da imprensa, isso mostra que estamos conseguindo colocar o dedo na ferida. Nosso único poder é produzir informação. Nós só latimos, e pretendemos latir muito, mas não podemos morder (risos).*

DINHEIRO – Quais contas não são feitas, e deveriam ser?

SALTO – *Por exemplo, o impacto das decisões do Banco Central (BC) nas contas públicas. Quanto custa ao País se o BC elevar a taxa*

Selic em um ponto percentual? Quanto o País economiza se a taxa cair um ponto? Não que o BC deva reduzir os juros de forma voluntarista só para economizar dinheiro, mas é preciso saber o custo disso. O BC tem uma política de câmbio flutuante, e ele faz muita intervenção, então temos de mostrar claramente à sociedade qual é o custo dessa política. Por exemplo, as operações de swap cambial, que o BC fez para atenuar a flutuação do câmbio, deram lucro em 2016, mas custaram R$ 90 bilhões de reais ao País em 2015. Há outros pontos. O Brasil tem mais de US$ 360 bilhões em reservas internacionais, que estão aplicadas em ativos que rendem zero, enquanto o Brasil pratica a maior taxa de juros do mundo. Tudo isso não é transparente para a sociedade

DINHEIRO – E a questão dos impostos?

SALTO – *Reforma tributária é um assunto à parte, e teremos uma pessoa só para tratar disso. Vamos nos envolver nessa discussão. Já começamos a trabalhar para mostrar o quanto o País gasta com as desonerações. Temos hoje no Brasil dezenas de regimes especiais de tributação e não há nenhum controle do resultado disso. Quantos empregos essa renúncia fiscal está gerando? Qual o efeito do ponto de vista da renda agregada? Não temos esse número, e mesmo assim os regimes continuam em vigência. Em 2017, segundo a Receita, o gasto tributário, que é quanto estamos deixando de arrecadar com Zona Franca de Manaus, Simples, entidades filantrópicas, pode chegar em R$ 285 bilhões. É dez vezes mais do que o Bolsa Família. E isso é só um começo.*

DINHEIRO – Quer dizer que os incentivos, neste ano, podem chegar a quase R$ 300 bilhões?

SALTO – *Isso mesmo. O orçamento, tirando as despesas financeiras, é de R$ 1,3 trilhão. As desonerações representam quase 22% do orçamento, ou 5% do PIB. Era só 1% há dez anos. Até o governo anterior, a lógica é que quem batesse mais forte receberia sua boquinha. Chegou a hora de rever isso e podemos estimular esse debate. Por exemplo, quanto está custando o Simples e quanto ele gera de contrapartidas? Emprego, aumento da renda? Essa é a distorção que o sistema tributário gera. O sistema tem de dar os incentivos corretos. Se ele dá os incentivos errados, os agentes econômicos vão lá e se adaptam. Ninguém vai dizer "governo, venha cá e me tribute mais". Não é racional.*

DINHEIRO – Como sanar a crise fiscal?

SALTO – *Ela tem três dimensões: salário do funcionalismo, Previdência e gasto financeiro. Essas três agendas são as prioritárias. Não é uma questão de apenas baixar os juros, mas é preciso discutir os efeitos fiscais das políticas monetária e cambial. Temos de discutir reforma tributária, mas qual? Minha opinião é que tem de simplificar o sistema. O ICMS é um imposto caduco. Só no Brasil e na Índia os Estados federados têm a capacidade de tributar o consumo com as próprias regras. São 27 legislações diferentes. Aí você multiplica isso pelo número de produtos que cada estado produz, e para o qual você pode definir a alíquota de desejar.*

DINHEIRO – Falando nos Estados, a IFI vai analisar esses números também?

SALTO – *Sim. Vamos entrar na questão federativa, pois a crise fiscal dos Estados é muito mais séria e profunda do que a crise da União. Eles têm menos instrumentos que a União, não podem fazer dívida, mas eles gastam muito. Entre 2009 e 2015, o gasto com a folha salarial dos Estados aumentou 40% acima da inflação, incluindo ativos e inativos. E houve casos absurdos, como o do Rio de Janeiro, em que esse gasto aumentou 70% acima da inflação. Essa questão salarial tem de ser revista, não dá para continuar achando que os Estados serão provedores de salários que crescem acima da inflação para uma montanha de funcionários.*

DINHEIRO – Tem saída?

SALTO – *Claro. É preciso investir na gestão, na racionalidade dos gastos, na transparência e na eficiência. Tome os contratos da administração pública com o setor privado: limpeza, compra de materiais. Quanto há de sobrepreço nisso? Vamos nos dedicar a isso também. Eu mesmo fiz um estudo recentemente, analisando quanto cresceu o preço do que a administração pública está consumindo, incluindo salários, em comparação com o setor privado. A conclusão é assustadora: em dez anos até 2014 a diferença é 40 pontos percentuais. Daria para ter economizado de R$ 12 bilhões a R$ 14 bilhões por ano. Em dez anos, a economia seria de R$ 140 bilhões, quase o déficit das contas públicas no ano passado. Por que isso acontece? Na empresa privada eu pago o mínimo possível porque tenho de gerar lucro. Uma prefeitura ou um Estado não tem essa exigência. O preço das coisas fica muito maior do que poderia ser.*

DINHEIRO – Pergunta inevitável: qual o orçamento da IFI?

SALTO – *Ainda não temos esse número. Neste primeiro ano, nossos gastos estão sendo bancados pelo Senado. O relatório foi impresso no Senado, e três dos sete analistas são funcionários do Senado. Os outros três vieram de outros órgãos, como o IPEA, que paga esses salários. A partir do ano que vem teremos uma proposta orçamentária. Mas já adianto que a operação será enxuta. Tanto que eu até posso trazer mais alguns funcionários, mas estou segurando as contratações*

"Quando decidimos dar mais subsídio para o BNDES, deixamos de fazer mais Bolsa Família, ou vice-versa. Quem tem de decidir isso é a sociedade"

Beneficiários do programa Bolsa Família: custo é 10% do das desonerações

Sobre os gastos com incentivos fiscais

TERRA ARRASADA: segundo a Fecomércio, a onda de violência no estado tem, até o momento, como saldo mais de 300 lojas depredadas e saqueadas, e um prejuízo de R$ 205 milhões para o varejo

Negócios sitiados

Empresas fechadas, funcionários que se deslocam com escolta e lojas saqueadas. Como a **falta de segurança** no Espírito Santo tem causado **prejuízos milionários**

Moacir DRSKA e Carlos DIAS

Os escritórios da Columbia Tecnologia, empresa que fornece equipamentos de fundição para a Petrobras e grandes siderúrgicas, estão praticamente vazios. Apenas três funcionários desafiam o silêncio na sede administrativa da companhia, instalada no condomínio empresarial Civit II, em Serra (ES), município da Grande Vitória. Desde segunda-feira 6, boa parte da equipe de cem profissionais da empresa está em casa, nos bairros do entorno da região, conhecida pela alta concentração industrial e por comunidades dominadas pelo tráfico de drogas. A situação atípica não é um reflexo de uma greve ou de férias coletivas. Mas apenas um entre tantos exemplos do cenário de caos e insegurança que se instaurou no Espírito Santo.

Um dos integrantes do trio que segue trabalhando na sede da Columbia, o diretor de desenvolvimento internacional Giuliano Martins Santos afirma que a operação está restrita a atendimentos de emergência. "Nossos profissionais mais especializados estão de sobreaviso para qualquer urgência", diz. Na quinta-feira 9, duas vans da companhia, escoltadas por uma empresa de segurança, buscaram um grupo de dez funcionários em suas respectivas casas para resolver um problema em equipamentos na ArcelorMittal. Concluído o serviço, eles foram novamente escoltados para as suas residências. "Está tendo toque de recolher em muitos lugares. O cenário é surreal", diz Santos. Após uma queda de 40% na receita em 2016, a Columbia vinha enxergando uma recuperação. "Ainda não é possível contabilizar as perdas com essa situação. Vamos ter que juntar os cacos e avaliar."

 FOTO: WILTON JUNIOR (ESTADÃO)

PRAÇA DE GUERRA: depois de ter seis lojas depredadas, a rede de eletroeletrônicos Sipolatti usou caçambas em algumas unidades na tentativa de conter os ataques (à esq.). Para restabelecer a normalidade no Estado, o governo federal autorizou o envio de 1,7 mil soldados do exército e da Força Nacional

Ao que tudo indica, não vai ser fácil conter a onda de violência que se alastrou no Estado. Desde o sábado 4, quando 10 mil policiais militares cruzaram os braços exigindo reajuste salarial, o Espírito Santo virou terra de ninguém. Os bandidos tomaram as ruas e aproveitaram para saquear lojas, assaltar pessoas e praticar todo tipo de crime. Até a sexta-feira 10, 120 assassinatos já haviam sido contabilizados – mais de um homicídio por hora – e cerca de 200 carros roubados. Para piorar, a polícia civil ensaiou uma paralisação, na quarta-feira 8, e o governador Paulo Hartung está licenciado, por motivos de saúde. Na tentativa de restabelecer a ordem, o governo federal autorizou o envio de 1,7 mil soldados do exército e da Força Nacional.

No cinquentenário porto de Tubarão, que escoa 13% do PIB do estado e é responsável pelo maior volume de minério embarcado do mundo, duas gigantes que exportam para mercados nos quatro cantos do planeta também tiveram que rever suas rotinas por conta desse caos. A ArcellorMittal afirmou em nota que flexibilizou os horários de trabalho das suas equipes que atuam em regime de turno. E que dispensou os que trabalham em horário administrativo até que a situação se normalize. "A produção e a operação não foram afetadas até o momento", escreveu a empresa. A Vale também comunicou que suas atividades não foram suspensas. No entanto, houve antecipação de entrada e saída de funcionários.

O contexto de "praça de guerra" também afetou empresas locais. Instalada em Serra e um dos principais sites de venda de vinhos da América Latina, a Wine.com.br informou que os pedidos realizados a partir do domingo 5 sofreriam atrasos, em função da suspensão de suas operações de atendimento e de logística. Com apenas cinco funcionários, a Kokar, companhia de automação residencial de Vitória, adotou o home office. "Como conseguimos resolver quase tudo remotamente, é mais seguro ficar em casa", diz o fundador Giulliano Siviero. "A sensação nas ruas é de estado de sítio." Mas a Kokar não ficou totalmente imune aos efeitos da crise. Sem acesso ao laboratório da empresa, Silvieiro ressalta que o desenvolvimento de aplicações da plataforma, crucial para o negócio, está sendo prejudicado.

Sem a opção de recorrer ao trabalho remoto e totalmente expostos nas ruas, os comerciantes estão sentindo na pele, e no bolso, as consequências. Uma das principais varejistas de móveis, eletrodomésticos e eletrônicos do Espírito Santo, a Sipolatti é uma dessas empresas. Seis das 38 lojas da rede foram arrombadas. "Houve casos de gente levando TVs e sendo assaltada por outras pessoas", diz Cláudio Sipolatti, proprietário da companhia. Na tentativa de proteger seus pontos de venda, o empresário testemunhou a inflação dos serviços de segurança. A contratação de um profissional subiu do preço habitual de R$ 300 para R$ 1 mil na última semana.

> **"A sensação nas ruas é de estado de sítio"**
> GIULLIANO SIVIERO, *SÓCIO DA KOKAR*

A Fecomércio/ES estima perdas de R$ 180 milhões em receita no varejo até quinta-feira 9. Com os saques e depredações, o prejuízo é de R$ 25 milhões. "Cerca de 95% do comércio local é de micros e pequenos empresários", diz José Lino Sepulcri, presidente da Fecomércio/ES. "Muitos não têm como recomeçar."

A Fecomércio/ES vai colocar à disposição um fundo de R$ 1 milhão, para reparos emergenciais nos pontos de venda. E tenta, junto ao governo do Estado, a oferta de uma linha de crédito com juros subsidiados para ajudar na recuperação desses empreendimentos. Dono da lanchonete e sorveteria Tud's, de Vila Velha, Wilson Estefan é um dos empresários que já passa por dificuldades. Com a loja fechada desde segunda-feira 6, ele calcula um prejuízo de R$ 15 mil. Na sexta-feira 10, ele decidiu reabrir as portas. "Não tenho mais condições de esperar a situação acalmar", afirma. Os serviços de delivery da Tud's, no entanto, estarão restritos, a princípio, aos bairros que contam com a presença ostensiva do exército.

A crise também está colocando em xeque serviços essenciais. Segundo informações apuradas pela DINHEIRO, ainda não há falta de medicamentos. Mas consultas e cirurgias de menor urgência estão sendo adiadas. E a atividade em boa parte dos postos de saúde e hospitais públicos e particulares está restrita ao pronto-socorro. Com a dificuldade de locomoção e a insegurança generalizada, os horários de atendimento também foram reduzidos. Na quinta-feira 9, para dar plantão em um hospital de Santa Leopoldina, a 50 km de Vitória, o médico Vinícius Nunes Azevedo teve que recorrer a uma ambulância, em vez de usar seu próprio carro. "É menos provável que os bandidos ataquem uma ambulância, pois, mesmo eles, podem precisar dela", diz. Aos 36 anos, ele lida agora com os pedidos da mulher e da filha, que insistem para que ele fique em casa até que tudo volte ao normal. "A sensação é de insegurança e de impotência, mas além do compromisso ético da profissão, as contas continuam vencendo."

FOTOS: PABLO JACOB (AGÊNCIA O GLOBO) | GABRIEL LORDELLO (AGÊNCIA O GLOBO) | DIEGO HERCULANO (AP PHOTO)

Tabelinha COMERCIAL

Brasil e Argentina voltam ao diálogo para **aumentar os negócios bilaterais**, que despencaram 44% em cinco anos. Quem vai ficar com a bola?

Ivan RYNGELBLUM e
Gabriel BALDOCCHI

ILUSTRAÇÃO: EVANDRO RODRIGUES

CARLOS ZARLENGA, PRESIDENTE DA GM MERCOSUL: COM UNIFICAÇÃO DAS OPERAÇÕES NO BRASIL E NA ARGENTINA, MONTADORA ESPERA FORTALECER REGIÃO COMO PLATAFORMA DE EXPORTAÇÃO

Dos três cargos de comando local que ocupou recentemente na General Motors, o economista Carlos Zarlenga tem motivos para se lembrar para sempre de um em especial: a chefia na Argentina, seu país de origem. Sua nomeação coincidiu com a posse do presidente Mauricio Macri, que pôs fim a um período populista de 12 anos nas mãos da família Kirchner. Após um ano na posição, Zarlenga foi alçado à presidência do grupo no Brasil, em setembro de 2016, mas agora ele retoma os laços de origem, ao assumir a recém-criada GM Mercosul. A divisão passará a incorporar os mercados argentino e brasileiro, que vivem desafios semelhantes. Macri, assim como o presidente Michel Temer, vem implementando políticas de ajustes, cujo principal objetivo é tirar o país da recessão. A estratégia de ambos inclui a abertura comercial, o que deve facilitar a estratégia da montadora americana e de inúmeras empresas que dependem dos dois maiores mercados da América do Sul.

Brasil e Argentina são parceiros históricos, mas a relação vinha experimentando percalços nos últimos anos. O setor automotivo, principal item da pauta, ilustra o problema. Um acordo bilateral do início da década de 1990 previa tratamento favorável para os produtos de ambos os países, convergindo gradualmente para o livre comércio. **Não só o status foi adiado seguidas vezes como iniciativas recentes tentaram frear a entrada de itens da cadeia produtiva.** Entre os executivos de montadoras com fábricas em ambos os países, é comum a visão de que se tratam de parques fabris complementares. Mas essa percepção sempre ficou ao sabor das políticas adotadas pelos governos. Em visita ao Brasil na terça-feira 7, Macri buscou sinalizar um novo capítulo na parceria indicando que ambos devem se apoiar para superar a recessão. "Nossa relação com o Brasil ficará ainda melhor", disse Macri à DINHEIRO. Para ilustrar a nova condição de sociedade, brincou com a rivalidade no futebol. "No futebol queremos ganhar, mas nos outros [campos] queremos trabalhar juntos", afirmou em declaração conjunta com o presidente Michel Temer.

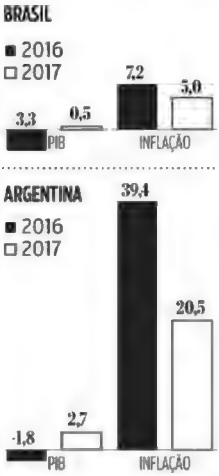
Para a GM, a convergência conjuntural contribuiu para colocar em prática o discurso de complementaridade, reduzir custos e fortalecer a região na disputa por outros mercados. "Nossas operações no Brasil e na Argentina sempre foram muito eficientes, mas precisamos ser competitivos no mercado global", afirma Carlos Zarlenga. A reestruturação da montadora repete um movimento da gigante de navegação Maersk, que uniu o Brasil ao grupo de Argentina, Uruguai e Paraguai no ano passado. Segundo Antonio Dominguez, diretor da empresa para a região, as economias brasileira e argentina são ainda muito fechadas, mas vivem um momento único de convergência. "A agenda econômica é muito parecida, estão falando de abertura comercial e acordos de livre-comércio."

Nas previsões da GM, que conquistou a liderança no Brasil em 2016, os dois países somam um potencial de três milhões de veículos em 2017, um crescimento de 7,5% em relação a 2016. **Para Zarlenga, mais do que nunca a integração total no setor é inevitável. Em negociação no ano passado, os dois lados estabeleceram como 2020 o prazo para alcançar o livre comércio.** "O mais importante para o crescimento do Mercosul como indústria forte e competitiva é a criação de políticas que suportem essa premissa."

A cadeia automotiva é um dos temas sensíveis da relação e mostra como as práticas nem sempre são fiéis ao discurso. Um programa para incentivar a compra de autopeças locais entrou em vigor na Argentina no final do ano passado, numa tentativa de forçar maior equilíbrio na balança. Na prática, foi uma iniciativa semelhante à política do Inovar-Auto, criada pelo Brasil em 2012, que

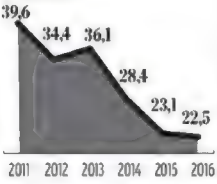
HERMANOS UNIDOS?

Parceiros devem sair da recessão neste ano



COMÉRCIO EM BAIXA

Corrente comercial apresenta queda nos últimos seis anos *(em US$ bilhões)*



O QUE O BRASIL MAIS VENDE PARA A ARGENTINA

* Automóveis
* Veículos de carga
* Partes e peças de veículos

O QUE O BRASIL MAIS COMPRA DA ARGENTINA

* Caminhões
* Trigo e derivados
* Automóveis

Fontes: FMI, MDIC e Palácio do Planalto

FOTO: EITAN ABRAMOVICH/AFP

ECOS DO PASSADO: PILHAS DE SAPATOS NO RIO GRANDE DO SUL À ESPERA DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTRAR NA ARGENTINA, EM 2011. FREQUENTES NA ADMINISTRAÇÃO CRIST NA KIRCHNER, BARREIRAS AINDA DIFICULTAM EXPORTAÇÕES DE EMPRESAS BRASILEIRAS AO PAÍS VIZINHO

também exigiu índices de nacionalização nos carros e estimulou investimentos nas fábricas brasileiras. O envio de autopeças e veículos ajudam a explicar o superávit de R$ 4,3 bilhões a favor do Brasil no comércio bilateral no ano passado, o maior desde 2011. Uma possível revisão do acordo automotivo preocupa as montadoras instaladas no Brasil. "Seria um enorme retrocesso", afirma Antonio Megale, presidente da Associação Nacional das Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). "Não faz sentido mudar um acordo que vale até 2020 e dá previsibilidade para todo o setor." Oficialmente, a questão automotiva não foi tratada na visita de Macri. Ficou restrita às reuniões feitas pela equipe técnica na semana anterior, assim como as negociações do lado brasileiro para incluir o açúcar na união aduaneira. **Em reunião fechada, apurou DINHEIRO, Temer falou da importância de a Argentina comprar mais aviões da Embraer, enquanto Macri ressaltou a necessidade de homogeneizar normas sanitárias.**

Na pauta oficial do encontro, os presidentes trataram de medidas para reforçar as trocas bilaterais, fortalecer o Mercosul e expandir as parcerias do bloco com outras regiões, como o México *(leia mais na página 28)*. Os dois lados também prometeram resolver os temas polêmicos. "Não há nenhum tabu, como disse o presidente Temer", afirma o embaixador da Argentina no Brasil, Carlos Alfredo Magariños. "Vamos fazer uma integração franca, resolver os problema e remover as barreiras pendentes." *(leia entrevista ao lado)*. Setores brasileiros que mais sofreram com as travas às importações no passado relatam melhoras, embora o governo Macri tenha adotado algumas barreiras pontuais ao longo de 2016, como a exigência de licenças não automáticas para a liberação dos produtos. A fabricante de calçados Democrata decidiu retomar a expansão no varejo argentino. Nas próximas semanas, abrirá a segunda loja no país vizinho. A primeira foi inaugurada em 2010, mas os planos tiveram de ser interrompidos devido às dificuldades na fronteira no período da presidente Cristina Kirchner. Para a empresa, o processo de abertura ocorre de maneira gradual. "Se a economia fosse aberta, estaríamos na quinta loja, pois é um mercado de muito potencial", diz Anderson Melo, gerente de exportações da Democrata.

O fortalecimento da relação bilateral é crucial para ajudar a reerguer as duas economias. Com a recessão, o volume de comércio fechou em US$ 22 bilhões no ano passado, quase metade do pico de 2011, quando as trocas somaram US$ 40 bilhões. Para a Argentina, as exportações são um dos pilares do crescimento neste ano. "Uma melhora regional, em particular do Brasil, e um peso desvalorizado impulsionarão as exportações", diz Ricard Torné, da consultoria espanhola FocusEconomics. "As reformas feitas no começo da gestão Macri começarão a ter efeito, melhorando o sentimento dos empresários e estimulando os investimentos."

Desde que Macri assumiu a presidência, no final de 2015, saíram de cena a manipulação de dados e as tentativas de manter a economia rodando sobre medidas de curto prazo, características que marcaram o período Kirchner. O câmbio passou a flutuar livremente, subsídios foram retirados e a Argentina voltou a acessar os mercados internacionais. Ainda que vistas como necessárias, as reformas tiveram efeitos negativos de curto prazo. O fim dos subsídios elétricos elevou as tarifas em 300%. A retirada das ajudas estatais aumentou em 33% os preços dos alimentos na capital

AMIGOS, AMIGOS, NEGÓCIOS À PARTE

EM ALMOÇO COM O PRESIDENTE MICHEL TEMER NO ITAMARATY, NA TERÇA-FEIRA 7, MACRI PROMETEU AMPLIAR AS PARCERIAS NO COMÉRCIO BILATERAL. VAI CUMPRIR?

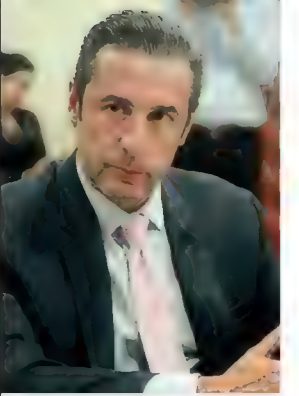
FOTOS: BETO BARATA/PR E GOVERNO DE SANTA CATARINA

argentina e de 400% do gás. Trata-se de movimento semelhante ao observado no Brasil em 2015, com a alta de preços administrados. A liberalização do câmbio provocou uma desvalorização de 32% do peso. Tudo isso levou o país a entrar em recessão e apresentar inflação elevada. A projeção do Fundo Monetário Internacional (FMI) é de uma queda de 1,5% do PIB em 2016. Já a inflação fechou o ano na casa dos 40%. No Brasil, as reformas visam reverter um quadro fiscal dramático num contexto em que a economia encolheu mais de 3% no ano.

Em sua defesa, Macri alega um "processo de normalização" após os diversos erros do casal Nestor e Cristina Kirchner, cujas subvenções para água, luz e gás provocaram um rombo nas contas públicas na ordem de 2,5% do PIB. Ainda assim, ele foi obrigado a tomar atitudes para amenizar o choque do ajuste, como compensar os mais pobres e aposentados com redução impostos. Para 2017, o cenário é positivo, mas ainda faltam avanços. O governo argentino projeta um crescimento de 3,5%, índice superior aos 2,7% previstos pelo FMI. Embora mais branda, a inflação continuará preocupante – a expectativa é de cerca de 20% – com a continuação do "tarifaço" nas contas de água (300%), luz (148%) e pedágios (120%). Assim como no Brasil, a expectativa é de que a melhora fique mais clara na metade do ano. "O processo de recuperação terá mais força a partir do segundo trimestre, momento em que se espera uma retomada do consumo, devido à menor inflação e recomposição dos salários reais, junto com os investimentos em obras e melhores perspectivas de aporte do setor privado", diz Dante Sica, diretor da consultoria ABECEB e ex-secretário de Indústria e Comércio e Mineração da Argentina.

LONGO PRAZO Apesar das dores atuais, as reformas de Macri são vistas como um sinal positivo de longo prazo no setor privado. "A situação continua difícil, porque assim como no Brasil ele recebeu uma herança maldita", afirma Marco Stefanini, CEO do grupo Stefanini. "Mas a perspectiva é outra, não é só discurso." A empresa opera há 20 anos na Argentina. Na comparação entre as duas economias, há quem enxergue um ambiente até mais positivo nos vizinhos. "Nada se compara com os ajustes para sobreviver a essa crise sem precedentes no mercado brasileiro de caminões e ônibus", diz Edson Martins, da Agrale. A fabricante gaúcha de veículos tem a Argentina como maior mercado externo. A empresa, que também fabrica nos vizinhos, torce para o aprofundamento na parceria. "É preciso criar uma política de Estado, tanto no Brasil quanto na Argentina, com a efetiva diminuição da burocracia para o comércio bilateral." Fica o recado aos dois países de que juntos os dois podem fazer uma tabelinha no comércio e subir no ranking mundial de crescimento. Nada a ver com a rivalidade do futebol, em que ambos disputam o topo da lista da Fifa. $

Colaborou Débora Bergarmasco



"Há muita ação de lobbies para limitar o comércio"

O embaixador da Argentina no Brasil, Carlos Alfredo Magariño, conversou com a DINHEIRO após a visita do presidente Macri. Confira:

O que a visita representa para o comércio Brasil-Argentina?
Foi uma visita de trabalho, sobre problemas concretos. O maior deles hoje são as regulamentações técnicas, sanitárias e fitossanitárias. Há muita ação de lobbies que usam os regulamentos técnicos para limitar o comércio. Então, o trabalho que os presidentes estão propondo para aumentar as transações é importante. É difícil, ambicioso, mas deve ser feito se aspiramos ter uma livre circulação de produtos.

É possível falar em avanço?
O clima é claramente positivo. Falamos de de todos os setores. Não há tabu, como disse o presidente Temer. Vamos fazer uma integração franca, resolver os problemas, remover as barreiras pendentes...

Como a retomada da Argentina afetará o comércio com o Brasil?
Os dois países se beneficiam quando a economia cresce. A Argentina vai crescer mais forte do que as projeções do FMI, e acredito que a inflação baixará fortemente. O Brasil vai poder aproveitar essas melhoras, assim como a Argentina aproveita aqui quando a economia não cai tanto. Ano passado, com a recessão de 3,3% no Brasil, a Argentina perdeu quase um ponto percentual do PIB, com as exportações de produtos industriais.

Leia a íntegra da entrevista em: istoedinheiro.com.br

RELAÇÕES CORTADAS? *o presidente Donald Trump anunciou que revisará acordos comerciais com o México, de Peña Nieto*

ECONOMIA

OLHA PARA BAIXO, MÉXIC

Com o **muro a ser erguido** pelo presidente americano Donald Trump, **brasileiros e mexicanos têm uma chance rara** de, finalmente, estreitar suas relações comerciais

Paula BEZERRA

Às margens do rio Coatzacoalcos, próximo ao Golfo do México, a brasileira Braskem, maior produtora de resinas termoplásticas das Américas, investiu US$ 5,2 bilhões na construção do Complexo Petroquímico Etileno XXI, um ambicioso projeto em parceria com a mexicana Idesa para a produção de polietileno, um elemento chave para a fabricação de plásticos. Inaugurada em abril de 2016, a unidade foi pensada para suprir a carência de matéria-prima dos mexicanos, que amargam um déficit de US$ 20 bilhões no setor químico. Mas, como o grande mercado fornecedor sempre foi os Estados Unidos, de onde eles importam dois terços de sua necessidade, a Braskem passou a exportar para outros mercados, como o asiático e o europeu. Nenhum problema existia até Donald Trump chegar à Casa Branca. O cenário, entretanto, mudou. Trump está revendo os acordos de livre-comércio existentes entre os países e impondo sobretaxas de importação. Os mexicanos, que até então só olhavam para cima do Continente, passaram a olhar para baixo. O maior beneficiado deve ser o Brasil, que tem capacidade para exportar tanto a matéria-prima como a tecnologia para ocupar o espaço que será deixado pelos americanos. "Ainda não está claro para nós como será o desenrolar dessa negociação. Porém, o foco da Braskem continua sendo atender e aumentar a capacidade do mercado local", diz Cleantho Leite, diretor de relações institucionais da Braskem Idesa. "A meta deste ano é vender

FOTOS: YURI CORTEZ/AFP

até 50% da nossa capacidade produtiva no país. Já nos próximos cinco anos, chegaremos a quase 90%. Uma maior cooperação entre Brasil e México nos beneficiará ainda mais."

Assim como a Braskem, outras empresas brasileiras podem se aproveitar do muro que foi erguido nas relações comerciais entre o México e os Estados Unidos. Especialistas ouvidos pela DINHEIRO avaliam que essa é a grande chance para que os dois países líderes da América Latina finalmente fortaleçam a relação bilateral. Os mexicanos ignoravam os países ao Sul. O Nafta (acordo de livre comércio com EUA e Canadá) sempre foi mais vantajoso. De todos os produtos importados, 50% vêm dos Estados Unidos, seguido da China, que desde 2014 conquistou 18% das importações mexicanas. Enquanto isso, os 12 países que formam a Associação Latino-Americana de Integração, juntos, representam apenas 2,4% das importações do país.

"Temos muito a ganhar no mercado mexicano, pois competimos com os Estados Unidos em vários produtos como as commodities", diz Soraya Rosar, gerente-executiva de negociações Internacionais da Confederação Nacional da Indústria (CNI). "Sem a concorrência americana, o Brasil passaria a ser a outra opção competitiva de fornecedor." Para reverter esse quadro, entre os dias 6 e 7 de março, uma comitiva de empresários brasileiros será recebida pelo Ministério de Desenvolvimento do México. O objetivo do encontro é estreitar os laços com a classe empresarial brasileira e mostrar que, além dos produtos já comercializados entre os países, como os do setor automotivo, da indústria petroquímica e de plásticos, também podemos fornecer o que eles importam dos Estados Unidos, como açúcar, suco de laranja e carne suína.

Uma das principais queixas comerciais dos empresários brasileiros é justamente a distância comercial com o México, segundo pesquisas da CNI. A tentativa de reaproximação entre os países foi iniciada ainda no governo Dilma Rousseff. Em maio de 2015, ela foi ao México estreitar relações com o presidente Enrique Peña Nieto. À época, Dilma tentou convencer o governo mexicano a diminuir as barreiras tarifárias aos produtos brasileiros assim como elevar o patamar de investimentos mexicanos no País. No setor de agronegócio, a abertura veio com o surto da gripe aviária nos EUA. Maior importador de proteína animal da América Latina e o terceiro maior consumidor do mundo, o México trocou o produto americano pelo brasileiro. A adesão foi tão boa que, entre 2015 e 2016, a exportação de carne de aves mais que dobrou, de 25 mil toneladas para 59 mil toneladas, ao ano. Agora, a expectativa é que esse volume aumente ainda mais. "Ainda não podemos afirmar quanto será o crescimento, mas em março seremos recebidos pelo Ministério do Desenvolvimento do México, para negociar uma melhor relação na comercialização de produtos do agronegócio", diz Francisco Turra, ex-ministro da Agricultura e presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal. **"Se o México abrir as portas ao Brasil, vamos conquistar espaço, independentemente de Trump mudar sua posição autoritária."** Como os mexicanos estão sendo maltratados pelo presidente americano, o Brasil tem a chance de mostrar que a América é muito maior do que apenas o Norte. Quem sabe, assim, os dois países não deixem de lado pequenas contendas, como não reconhecer a origem da tequila e da cachaça. Quem vai propor o brinde? $

OPORTUNIDADE: *com menos de um ano de operação, complexo petroquímico da Braskem Idesa no México tem chances de se beneficiar com o protecionismo americano*

VIZINHOS DE NEGÓCIOS

Crise diplomática entre Estados Unidos e México pode ser benéfico para brasileiros e mexicanos estreitarem relações comerciais

O México foi o 5º maior destino para os investimentos diretos brasileiros no exterior, entre 2006-2015:
US$ 4 BILHÕES

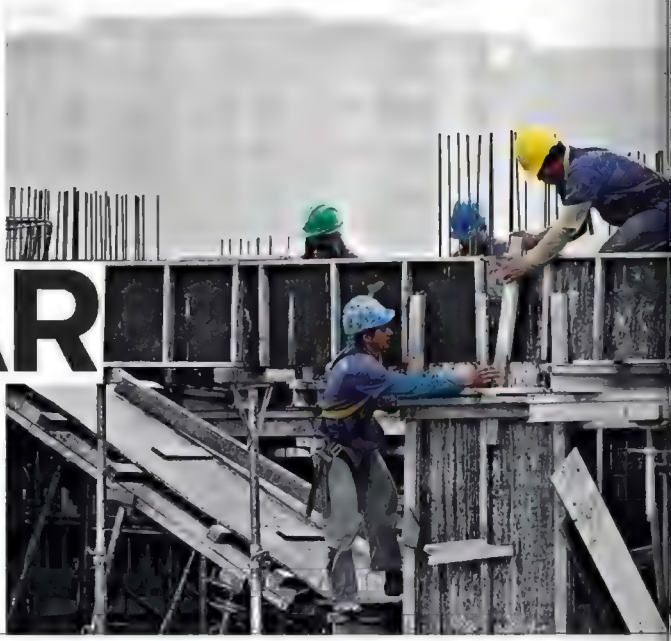
Nesse mesmo período, o Brasil foi o principal destino de investimentos mexicanos no exterior:
US$ 7,3 BILHÕES

A BALANÇA COMERCIAL ENTRE OS PAÍSES FOI FAVORÁVEL AO BRASIL NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS
(em US$ bilhões)

Os produtos mais exportados:
- Máquinas e aparelhos
- Material de transporte
- Metais comuns

Fonte: CNI e MDIC

UM ANDAR POR VEZ



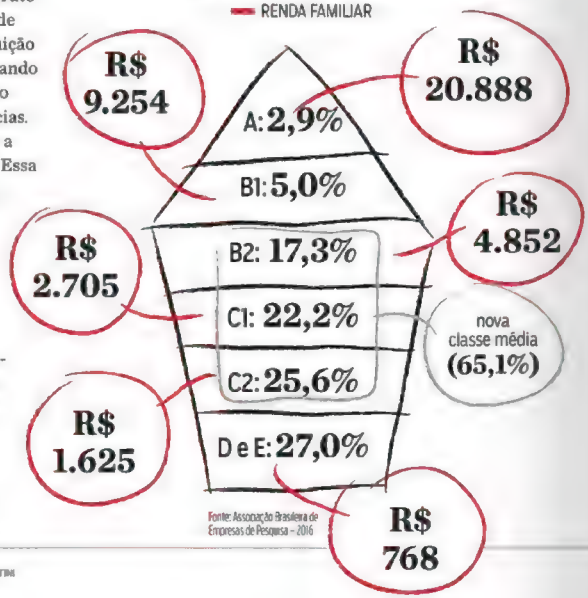
Liberação do FGTS, ampliação do Minha Casa Minha Vida e queda dos juros melhoraram
Se der fôlego financeiro à classe média, aos poucos o governo conseguirá reconstruir o

Luís Artur NOGUEIRA

Para quem ainda tem dúvidas sobre o tamanho do estragado provocado pela atual crise, basta destacar um número. O Produto Interno Bruto (PIB) encolheu cerca de 10% entre março de 2014 e dezembro de 2016. É a maior destruição de atividade econômica da história do País. Porém, quando se olha com lupa para determinados indicadores, como renda e consumo, ficam evidentes algumas discrepâncias. Em 2016, o consumo das famílias caiu 8,5%, enquanto a massa real de rendimentos ficou apenas 1,1% menor. "Essa enorme diferença é explicada por uma precaução dos trabalhadores", diz o economista Octavio de Barros, diretor do Instituto República. "Com medo do futuro, o brasileiro empregado acabou reagindo como se tivesse sido demitido." Se a renda cai muito menos que o consumo, significa que uma parte da população decidiu formar uma poupança preventiva. Conforme o cenário político for se desanuviando e a economia parar de gerar indicadores negativos, a confiança vai melhorar e o consumo represado tenderá a reaquecer. É um processo ainda longo e gradual, que o governo tenta acelerar com algumas medidas pontuais, como a liberação do FTGS, a queda dos juros e novas regras para o programa habitacional Minha Casa Minha Vida.

PIRÂMIDE SÓCIO-ECONÔMICA

A maior parte da população faz parte da nova classe média



Fonte: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – 2016

FOTOS: TIAGO QUEIROZ/AE E STEFANO MARTINI

o clima econômico.
crescimento do PIB

A varejista de moda holandesa C&A constatou, na prática, a cautela dos consumidores brasileiros. No ano passado, o fluxo de clientes nas lojas diminuiu, o que obrigou os vendedores a converter menos visitas em mais vendas. "A renda disponível para o consumo é um fator crítico", afirma Paulo Correa, presidente da C&A no Brasil. "Além disso, há um componente psicológico na crise que reduz a confiança e gera o adiamento das compras." Para 2017, Correa acredita que o fluxo nas lojas não deve piorar, o que é um indicativo de um ano melhor. Além da cautela dos consumidores, outra barreira a ser superada pelos varejistas é o endividamento elevado das famílias, que acaba se transformando em inadimplência. Um levantamento do birô de crédito SPC Brasil e da Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL) mostra que 58,3 milhões de brasileiros estão com o nome sujo na praça, o que representa quase 40% dos adultos.

A poupança preventiva e o endividamento excessivo descritos acima atingem de forma diferente cada um dos grupos sociais. As classes A e B1, cuja renda média domiciliar supera os R$ 9 mil *(leia quadro ao lado)*, conseguem administrar melhor suas dívidas e ainda poupar, já que é mais fácil cortar supérfluos na crise do que itens básicos. Os mais ricos, no entanto, não estão blindados ao desemprego. Já nas classes B2, C1 e C2, que receberam milhões de integrantes nos anos pré-crise, formando um grupo denominado nova classe média, o endividamento é um fator preocupante. Se um integrante da família perde o emprego, aumenta muito a chance de alguma prestação ficar sem pagamento. Para esse grupo, que representa 65% da população, a decisão do governo de liberar, em março, o saque do FGTS das contas inativas pode representar, na ponta do lápis, um alívio – mesmo que temporário – no orçamento doméstico.

"Há um componente psicológico na crise que reduz a confiança e gera o adiamento das compras"

PAULO CORREA
CEO DA C&A NO BRASIL

A grande maioria dos cotistas terá, na prática, menos de um salário mínimo (R$ 937) para sacar. Parece pouco, mas esse dinheiro está sendo cobiçado por muitos empresários. **"O saque do FGTS pode ser o impulso perfeito para o consumidor colocar um ou dois ovos de chocolate a mais no carrinho de compras", diz Ubiracy Fonseca, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Chocolates, Cacau, Amendoim, Balas e Derivados (Abicab).** O governo estima entre R$ 30 bilhões e R$ 40 bilhões o volume de dinheiro parado nestas contas inativas do FGTS, um volume bem superior ao PIB da indústria de chocolates e cacau, estimado em R$ 25 bilhões. Há exatamente um ano, quando os fabricantes se preparavam para a Páscoa, o maior evento do ano para o setor, o clima político estava extremamente conturbado. O impeachment da presidente Dilma Rousseff ainda era um evento incerto e a economia continuava afundando. O resultado foi uma queda de 27,4% nas vendas de ovos de chocolate. Agora, os ingredientes econômicos mais favoráveis indicam um crescimento de um dígito. "A Mondelez projeta um crescimento total de 2% a 5% nesta Páscoa", diz Ricardo Reis, gerente de marketing da Mondelez, que lidera as vendas de ovos há vários anos com a marca Lacta. A multinacional americana contratou 7,5 mil temporários neste ano – o setor inteiro contabiliza 25 mil empregos nesta Páscoa.

Quando se olha para a renda disponível, a inflação mais baixa é uma excelente notícia para a nova classe média e, principalmente, para as classes D e E, que compõem a base da pirâmide social. Em janeiro, o IPCA registrou alta de 0,38%, a menor taxa para o primeiro mês do ano desde 1979 *(leia reportagem na pág. 32)*. Além de corroer menos os salários, uma inflação moderada permite que o Banco Central acelere ainda mais a queda dos juros, com benefícios diretos para pessoas físicas e jurídicas endividadas e para os agentes que planejam buscar novos financiamentos. "Neste ano, o crédito deve crescer entre 5% e 8% em termos nominais", diz Nicola Tingas, economista-chefe da Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento (Acrefi). Descontada a inflação, a expansão real prevista não é tão robusta. Porém, será uma guinada após a queda nominal de 3,5% em 2016.

"Temos de apoiar a plataforma política do País. O Temer está fazendo bem o trabalho dele"

SUZAN RIVETTI
CEO DA JOHNSON & JOHNSON NA AL

A combinação de juros menores e mais crédito está animando a indústria da construção civil, que vem merecendo uma atenção especial do governo devido ao seu enorme potencial de geração de empregos. Na segunda-feira 6, em Brasília, o presidente Michel Temer reuniu os empresários do setor para anunciar as novas regra do programa Minha Casa Minha Vida. A partir de agora, famílias com renda familiar de até R$ 9 mil poderão participar do programa habitacional. O limite anterior era de R$ 6,5 mil. Na prática, significa que 92,1% da pirâmide social têm à disposição algum incentivo para adquirir um imóvel. "Esse mecanismo amplia a quantidade de pessoas que terão acesso e atinge a classe média com o programa Minha Cada Minha Vida", afirmou o ministro do Planejamento, Dyogo Oliveira. O teto do valor dos imóveis habilitados subiu de R$ 225 mil para R$ 240 mil em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Distrito Federal. Pelos cálculos do governo, a medida amplia em R$ 8,5 bilhões o volume de recursos de subsídios e financiamentos habitacionais.

IMPULSO: na segunda-feira 6, o governo anunciou para o setor privado as novas regras do programa habitacional Minha Casa Minha Vida

No mesmo dia, o Conselho Curador do FGTS autorizou os trabalhadores a usarem seus recursos para quitar até 12 parcelas atrasadas – o limite anterior era de três prestações. A medida vale até o fim do ano para contratos enquadrados no Sistema Financeiro da Habitação (SFH), que contempla imóveis avaliados em até R$ 950 mil. O objetivo é desacelerar a inadimplência, que estava preocupando os bancos. Quem está com as prestações em dia também poderá sacar do FGTS o equivalente a 80% do valor das futuras prestações. Com medidas pontuais, que nem de longe se assemelham às fracassadas mágicas do governo Dilma Rousseff, a atual equipe econômica vai melhorando o clima para os negócios. O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, reafirmou, na semana passada, o seu compromisso de simplificar o pagamento de impostos das empresas, conforme havia antecipado em entrevista à DINHEIRO, em novembro do ano passado. Isso contribui para aumentar a confiança dos empresários, que apostam na força política do governo para aprovar as reformas previdenciária e trabalhista. "Temos de apoiar a plataforma política do País e, nesse sentido, o Temer está fazendo bem o trabalho dele", diz Suzan Rivetti, CEO da Johnson & Johnson para a América Latina. "Isso deve dar ao consumidor uma tranquilidade para voltar a consumir." Todos sabem que a reconstrução da economia brasileira está sendo feita aos poucos, um andar por vez.

A BALA

Não é apenas a **recessão econômica** que explica a **queda acelerada da inflação**. Entenda por quê

Luís Artur NOGUEIRA

Em qualquer economia civilizada do mundo, uma retração de 10% do PIB ao longo de quase três anos provocaria uma queda generalizada dos preços. Inevitavelmente, as manchetes econômicas seriam sobre a grave deflação que ameaça a geração de empregos. No Brasil, ao contrário, a maior recessão da história veio acompanhada de uma inflação de dois dígitos em 2015 e de quase 6,5% em 2016, patamares inaceitáveis mesmo para mercados emergentes. Felizmente, com uma nova gestão no Banco Central (BC), essa triste página dos preços altos está sendo virada. **O ano de 2017 começou com a menor inflação já registrada em um mês de janeiro desde 1979, uma alta 0,38% do IPCA**, o que reforça a convicção da maioria dos economistas de que o centro da meta de 4,5% poderá ser atingido em breve.

É verdade que os efeitos da recessão ajudam a explicar uma parte da desaceleração dos preços, mas a história completa requer outros capítulos. Um deles tem o agronegócio como protagonista. A safra de grãos 2016/2017 vai atingir um recorde de 215 milhões de toneladas, alta de 15% em relação à colheita anterior, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O sucesso decorre dos investimentos no campo,

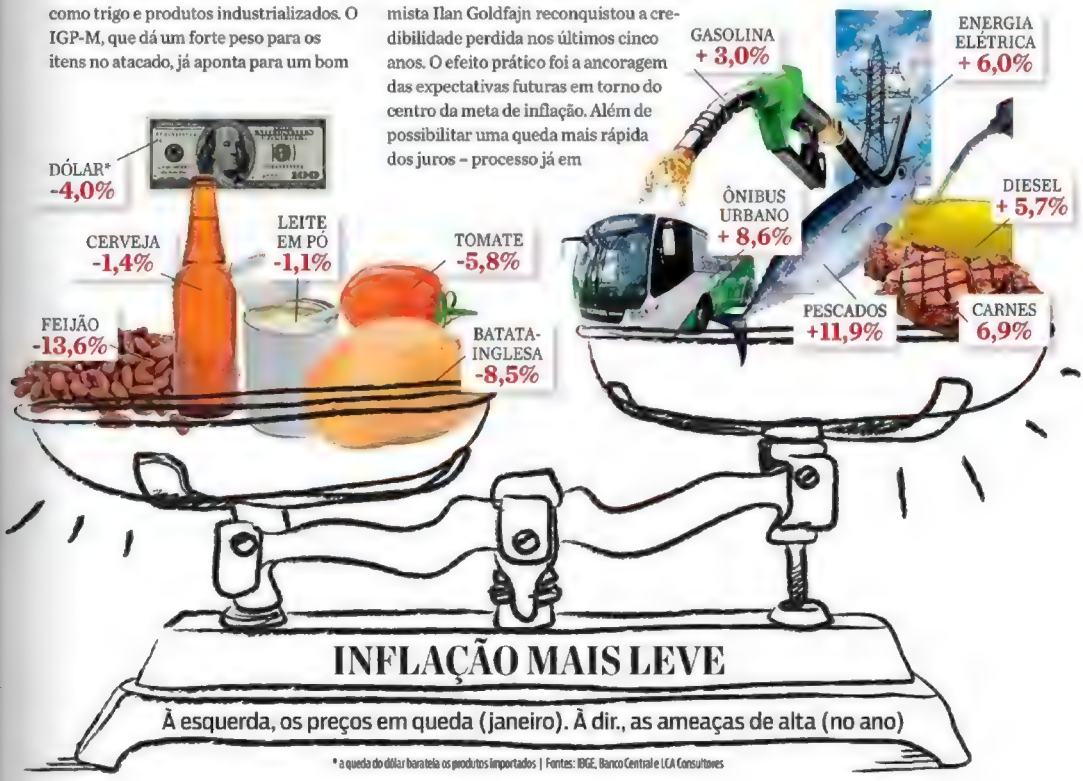
FOTO: BETO BARATA/PR

NÇA VIROU

que geram ganhos de produtividade, e de um efeito climático positivo. Ao contrário do ano anterior, em que o fenômeno El Niño foi muito forte, o La Niña deste ano contribuiu para o ótimo resultado dos agricultores. Na prática, gerou deflação em diversos alimentos como feijão, batata, leite e tomate.

Outra contribuição para a baixa inflação em janeiro veio do câmbio. O dólar caiu 4%, barateando itens importados, como trigo e produtos industrializados. O IGP-M, que dá um forte peso para os itens no atacado, já aponta para um bom resultado também em fevereiro. A prévia do mês, divulgada na quinta-feira 9, pela Fundação Getulio Vargas (FGV), foi de apenas 0,10% ante uma expectativa de 0,35% do mercado. "Como o preço de hoje no atacado é repassado, no futuro, para o varejo, esse resultado é muito bom para a inflação oficial", diz Fabio Romão, economista da LCA Consultores, que elencou alguns riscos inflacionários em 2017 (*confira o infográfico abaixo*).

Resta ainda um importante capítulo dedicado ao BC. A nova gestão do economista Ilan Goldfajn reconquistou a credibilidade perdida nos últimos cinco anos. O efeito prático foi a ancoragem das expectativas futuras em torno do centro da meta de inflação. Além de possibilitar uma queda mais rápida dos juros – processo já em curso –, essa ancoragem auxilia na desindexação da economia. Quanto menor a inflação esperada, menos relevantes ficam os mecanismos automáticos de reajustes no ano seguinte. Nos próximos meses, o IPCA acumulado em 12 meses vai cair abaixo dos 4,5%. Esse processo rápido de desinflação vai coincidir com uma importante reunião, em junho, do Conselho Monetário Nacional (CMN), que é formado pelo presidente BC e pelos ministros da Fazenda e do Planejamento. No encontro, será definida a meta de inflação para 2019. "Haverá espaço para reduzi-la para 4,25% ou 4%", diz Romão, da LCA. A balança dos preços está pesando a favor da autoridade monetária.



A lenta queda do **spread**

Ilan Goldfajn, presidente do Banco Central, **quer que o crédito fique mais barato para o consumidor.** Mas ele mesmo avalia que vai demorar

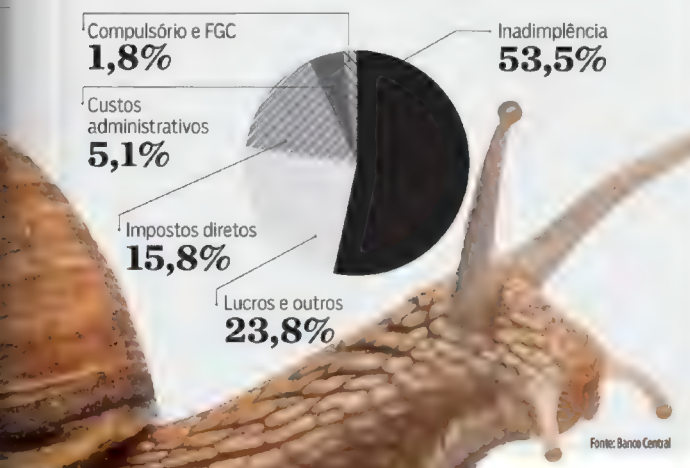
Cláudio GRADILONE e Flavia GALEMBECK

Juro, no Brasil, é alto demais. Isso vale para a taxa referencial Selic, definida pelo Banco Central (BC) e hoje em 13% ao ano. E vale mais ainda para o spread bancário, o percentual que teimosamente se intromete entre o que os bancos pagam para quem neles investe, e cobram de quem deles toma dinheiro emprestado. No Brasil, o spread é um dos mais altos do mundo. Em dezembro de 2016, a média era de 22,6 pontos percentuais, segundo o BC. Por si só elevadíssima, essa cifra chega ao absurdo em casos como o dos créditos pessoais. Excluindo os empréstimos consignados, a média entre 2011 e 2016 ficou em 83,7% ao ano. É alto, e precisa cair. "Reduzir o spread permite que a economia seja mais eficiente e mais voltada para a produtividade, que é o cerne do crescimento de um país", disse Ilan Goldfajn, presidente do BC, em um seminário sobre o assunto em Brasília, na terça-feira 7. Roberto Setubal, presidente-executivo do Itaú Unibanco, concorda. "O spread no Brasil é mais alto do que no resto do mundo", disse ele, ao divulgar os resultados de 2016.

A unanimidade, porém, se esvai sobre a forma de reduzir essa gordura. Há dois suspeitos habituais para ela. O primeiro é o governo, que cobra impostos elevados, gasta mais do que arrecada, vive tomando dinheiro emprestado e torna o capital escasso. O segundo são os bancos. São

TODOS PAGAM PELOS CALOTES

Os componentes do spread bancário, em % (média 2011-2016)



Fonte: Banco Central

poucos. Sem contar o BNDES, os cinco maiores, dois deles estatais, respondem por 92% dos empréstimos. Há outros cúmplices, porém. Dois ex-presidentes do BC, Armínio Fraga e Gustavo Loyola, apontam a inadimplência e a tolerância com os maus pagadores como causas importantes para o encarecimento do crédito. "A insegurança jurídica para quem empresta eleva o risco de inadimplência", disse Fraga, que presidiu o BC entre 1999 e 2002. "O spread é um seguro que o banco cobra para correr esse risco", afirma Setubal. Os números do BC mostram isso. O seguro contra calotes representa 53,5% do spread. Os impostos somam 15,8% e os lucros, 23,8%.

Para Fraga, a redução chegará mais cedo não só pelo aumento da segurança, como também pela maior oferta de informações sobre os devedores. "É difícil manter um oligopólio quando há transparência dos dados", diz. Em sua gestão foram publicados os primeiros estudos oficiais sobre o spread. Segundo ele, só mostrar os números melhorou a situação. "Havia uma percepção, correta, de que o dinheiro era caro, mas não se sabia quanto. A divulgação gerou um debate que mobilizou a sociedade."

Outro fator que entra nessa conta são os subsídios cruzados no sistema bancário. Funciona assim: metade dos empréstimos concedidos às pessoas físicas são financiamentos imobiliários, cuja fonte de recursos é a caderneta de poupança. As taxas são muito inferiores às de outras linhas. No caso das empresas, a situação é análoga: metade do valor total concedido são empréstimos via BNDES, distribuídos desigualmente pela economia. **"Há diversos subsídios cruzados, em que uma parte dos tomadores tem acesso a dinheiro barato, e todos os outros têm de pagar muito mais caro por isso", diz Loyola.** Goldfajn sintetiza o problema com uma dose de ironia. "Metade do crédito no Brasil funciona no regime de meia entrada." Segundo ele, existem vários segmentos na economia que são beneficiados por essa situação. "Quase todos os subsídios têm justificativas, e quase todas as justificativas são nobres", diz ele. "Mas isso é um benefício e nossa percepção, incorreta, é que esses benefícios não têm custo." Porém, mesmo invisíveis, esses custos estão longe de ser imperceptíveis. São sentidos na taxa do cheque especial e na do cartão de crédito, e nos percentuais salgados do capital de giro e do desconto de duplicatas.

O BC já está agindo para corrigir essa distorção. Segundo Goldfajn, as mudanças nos cartões de crédito anunciadas no fim de 2016, que visaram a um aumento da concorrência no setor, são o começo de um processo para facilitar o acesso ao crédito e reduzir seus preços. No entanto, o próprio Goldfajn é conservador. "O spread vai cair, mas eu não me arrisco a prever quando; só sei que não é para já."

"O PROBLEMA É A MEIA ENTRADA"

Segundo Goldfajn, a existência de empréstimos subsidiados encarece o crédito de forma geral

EMPRESAS VOLTAM A ACELERAR NA BOLSA

COM A ESTABILIZAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, ***O IPO DA MOVIDA REABRE O MERCADO DE AÇÕES, QUE PODE TER O MELHOR DESEMPENHO DOS ÚLTIMOS CINCO ANOS.*** *HÁ MAIS DE 20 CANDIDATAS A REALIZAR NOVAS EMISSÕES, COMO CARREFOUR, AZUL, IRB BRASIL RE E NOTREDAME. ESSAS OPERAÇÕES DEVEM MOVIMENTAR R$ 25 BILHÕES*

Márcio KROEHN

FOTO: CLAUDIO GATTI

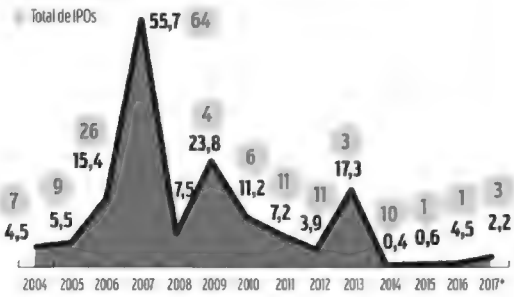
PODE FESTEJAR: O CEO RENATO FRANKLIN (PRIMEIRO DE CAMISA BRANCA, À ESQ.) E EXECUTIVOS DA MOVIDA APERTAM A CAMPAINHA QUE MARCA O INÍCIO DA NEGOCIAÇÃO DAS AÇÕES DA EMPRESA

NENHUMA DÚVIDA? GUILHERME BENCHIMOL, FUNDADOR DA XP INVESTIMENTOS, NÃO QUER DESISTIR DO IPO, MESMO APÓS A EMPRESA TER RELATADO ROUBO DE DADOS DE CLIENTES POR HACKERS

Nu[illegible]ríodo de 20 dias neste início d[illegible], o executivo Renato Franklin, C[illegible]da Movida, realizou 181 reuni[illegible]om investidores, o que dá uma [illegible] insana de nove por dia. Nem os [illegible] de semana foram poupados. Em um deles, ele virou a madrugada em teleconferências com fundos asiáticos. Os esforços tinham um propósito: garantir que a abertura de capital (IPO, na sigla em inglês) da locadora de veículos fosse bem-sucedida. O temor não estava nos atrativos do negócio. A empresa, que faz parte do Grupo JSL, é a segunda maior do setor no Brasil, com faturamento de R$ 1,4 bilhão acumulado nos nove primeiros meses do ano passado, uma frota de quase 60 mil carros e 233 lojas. Entre 2013 e 2015, a Movida multiplicou 21 vezes sua receita, um caso sem precedentes nesse segmento no País. O receio de Franklin era amargar um fracasso por ser a primeira empresa a destravar as negociações de novas ações na bolsa de valores, após dois anos de penúria. O resultado foi satisfatório. A empresa movimentou R$ 645 milhões, sendo que R$ 536 milhões vão ser utilizados pela companhia para novos investimentos. O restante do dinheiro vai para o bolso dos acionistas controladores. "Com essa abertura de capital, nos colocamos de maneira diferenciada para capturar mais espaço no mercado", disse o CEO, pouco antes de acionar a campainha que marcou a estreia no pregão, na quarta-feira 8. "Trabalhar pelo lucro e pelos bons resultados é um compromisso compatível com os investimentos que estão sendo feitos."

NOVA ONDA

A expectativa é que o volume financeiro do lançamento de ações neste ano seja o melhor dos últimos cinco anos
(Em R$ Bilhões)



Outras empresas farão companhia à Movida nos próximos dias. **Está marcado para a terça-feira 14 o início da negociação de sua concorrente Unidas e do laboratório de análises clínicas Hermes Pardini.** Juntas, essas duas companhias planejam movimentar pouco mais de R$ 1,6 bilhão. Soma-se a elas o registro preliminar da Azul Linhas Aéreas, publicado na Comissão de Valores Mobiliários, na semana passada. O plano da companhia fundada pelo empresário David Neeleman é realizar o IPO em abril e captar R$ 1,5 bilhão, mesmo montante que a Notredame Intermédica espera conseguir, numa oferta que deve ser registrada nas próximas semanas. Em 40 dias, essas cinco empresas fazem de 2017 um ano muito melhor do que foram os dois anteriores juntos, quando apenas duas estreias aconteceram no mercado brasileiro de capitais. Em 2015, a Par Corretora de Seguros levantou R$ 602,8 milhões. Em outubro do ano passado, o laboratório de análises clínicas Alliar angariou R$ 674,2 milhões. Em contrapartida, no mesmo período, 20 empresas cancelaram seus registros de

FOTOS: JOAO CASTELLANO/AG. ISTOÉ E DIVULGAÇÃO

companhia aberta, saindo do mercado de capitais. Estão nessa lista Whirlpool, Souza Cruz, Vigor e os bancos Sofisa, Indusval e Daycoval. "Nos últimos dois anos, com a depressão da economia brasileira, ninguém pensava em ir para a bolsa, pois captar dinheiro seria para rolar dívida", diz Rodrigo Menon, sócio da Arbitral Gestão. "Agora, não é mais uma questão de sobrevivência. As empresas estão pensando em acelerar o crescimento."

A estabilização da economia brasileira trouxe confiança e reabriu a janela de oportunidades da bolsa de valores. De acordo com o Boletim Focus, do Banco Central, a expectativa do mercado financeiro é de uma expansão de 0,49% do Produto Interno Bruto (PIB) este ano e de 2,25% em 2018. Mas, mesmo que a atividade econômica encerre 2017 em estabilidade, a perspectiva de recuperação a partir do ano que vem reacende a necessidade de investimento das empresas. A queda da taxa de juros (a Selic está em 13% ao ano, com expectativa de chegar a 9,5% no final de 2017) e a retomada do controle da inflação pelo BC *(leia mais na pág. 32)* ajudaram a reativar o mercado financeiro de capitais. "Com a queda dos juros e da inflação, as empresas voltam a se movimentar num cenário macroeconômico menos turbulento", afirma Saulo Sturaro, sócio da JK Capital. "A volta dos IPOs reflete a vontade das empresas em se capitalizar para fazer investimentos. Por outro lado, os investidores também querem pisar no acelerador e aproveitar as oportunidades."

Novidades não devem faltar. Neste primeiro semestre, pelo menos cinco empresas, além da Azul e da Notredame, correm para entrar na bolsa de valores. O movimento financeiro seria superior a R$ 5 bilhões para essas outras operações. São empresas de mercados distintos, como energia, saúde, alimentação e imobiliário, como a LOG Commercial Properties, do Grupo MRV Engenharia, que planeja captar R$ 800 milhões. A BM&FBovespa calcula que 17 empresas (além das quatro que já publicaram seus prospectos) estão dispostas a acessar o mercado em 2017, com ofertas inicias ou secundárias (*follow on*) de ações. Caso essa expectativa se confirme, este poderá ser o melhor ano da bolsa de valores desde 2013. "É a retomada do mercado de capitais", diz Edemir Pinto, presidente da BM&FBovespa. "Este é o começo de um período de choque de capitalismo que vamos experimentar no Brasil. Comparado aos anos anteriores, este ano pode ter um volume espetacular de IPOs, com algumas operações relevantes e importantes." Na sexta-feira 10, a concessionária de rodovias CCR informou que vai captar R$ 4 bilhões com uma nova emissão de papéis.

PARA SER O MAIOR: CHARLES DESMARTIS, PRESIDENTE DO CARREFOUR, VEM SE PREPARANDO PARA UM IPO HÁ DOIS ANOS. A REDE VAREJISTA SÓ ESTAVA À ESPERA DE UMA JANELA. AGORA VAI?

QUEM GANHA, QUEM PERDE

Desde 2010, 35 companhias fizeram sua estreia na bolsa de valores. Confira o desempenho das melhores e das piores emissões

As cinco mais valorizadas

EMPRESA	ANO	PRÊMIO*
MULTIPLUS	2010	270,6
SMILES	2013	218,3
LINX	2013	101,1
ALIANSCE	2010	92,6
QUALICORP	2011	86,3

* prêmio sobre o Ibovespa desde o IPO, em pontos percentuais – até 08/02/2017

As cinco mais desvalorizadas

EMPRESA	ANO	PRÊMIO*
BR PHARMA	2011	-104,5
OSX	2010	-93,8
PETRORIO	2010	-90,8
VIA VAREJO	2013	-87,7
BR INSURANCE	2010	-83,1

Fonte: Economática

Uma das empresas que provoca mais expectativa no mercado financeiro é o Carrefour. Desde 2015, a rede varejista fala abertamente do seu plano de realizar sua oferta inicial de ações no País. O presidente Charles Desmartis sempre reforçou que esse movimento dependia apenas de uma janela de oportunidade e, enquanto ela não abrisse, a companhia "continuaria trabalhando para melhorar sua operação". Embora a empresa não tenha dado um prazo para essa operação, o diretor financeiro do Grupo Carrefour, Pierre-Jean Sivignon, sinalizou, na última divulgação de resultados, realizada em 19 de janeiro, que o plano é seguir em frente. "Sobre IPO, não há muito a acrescentar. Acredito que já falamos sobre nossos dois planos para 2017, que são, obviamente, Carmila e Brasil", disse ele, sobre a operação brasileira e de uma das divisões imobiliárias na Europa da rede varejista. "Estamos trabalhando em ambos e neste momento não há nada de novo para anunciar." Em entrevista recente à DINHEIRO, o empresário Abilio Diniz, que detém 12% da operação brasileira, disse que o Brasil mudou. "É o momento certo para abrir o capital."

RECEITA PARA O GOVERNO: TARCISIO GODOY TEM SE REUNIDO COM FREQUÊNCIA COM OS BANCOS PARA DEFINIR O TAMANHO DO IPO DO IRB BRASIL RE, A RESSEGURADORA COM ATIVOS DE MAIS DE R$ 14 BILHÕES

GIGANTES Ao lado do Carrefour, duas empresas ligadas ao setor financeiro entram na lista de IPOs importantes no ano. O IRB Brasil RE, resseguradora de capital misto que tem o governo federal como maior acionista, intensificou sua preparação para abrir o capital a partir de junho do ano passado, quando Tarcisio Godoy, ex-secretário-executivo do Ministério da Fazenda, assumiu a presidência da companhia. Há sete meses, ele vem se reunindo com frequência com os bancos para decidir o tamanho da operação da empresa, que tem ativos de mais de R$ 14 bilhões. O mesmo processo vem acontecendo na XP Investimentos. O mercado calcula que a empresa deve movimentar, aproximadamente, R$ 1 bilhão. Esse IPO é bastante aguardado tanto por novos investidores como por fundos de investimentos que já aportaram recursos na companhia. O General Atlantic, por exemplo, espera conseguir uma oferta secundária para embolsar parte do que foi aplicado na XP em 2013. Nas últimas semanas, porém, uma certa desconfiança encobriu a companhia criada por Guilherme Benchimol. Em janeiro, a XP informou que hackers roubaram o cadastro de 29 mil clientes e chantagearam o fundador em R$ 22,5 milhões para evitar a exposição do problema. Mesmo com a ameaça, a corretora já deu início a uma série de apresentações internacionais e não quer adiar seu plano.

A decisão sobre essas três operações deve mexer com o calendário dos novos lançamentos de ações. Nenhuma empresa quer correr o risco de concorrer com elas pelo dinheiro do investidor estrangeiro. Tanto os fundos de investimento especializados em América Latina como os voltados aos mercados emergentes ainda não retornaram com força ao Brasil. Ainda há espaço em suas carteiras para ativos brasileiros *(leia quadro ao lado)*. Historicamente, a média de participação do capital internacional em operações na bolsa de valores fica entre 60% e 70%. No pico de euforia com o Brasil, entre 2006 e 2011, 10 empresas registraram participação acima de 90%. A BR Brokers, por exemplo, chegou a ter 98%, com apenas 13 pessoas físicas entre os investidores. Mas, nesse momento de retomada, a cautela deve predominar. A Movida, que fez

FOTOS: MARISA CAUDURO/VALOR E DIVULGAÇÃO

PRÓXIMAS DA LISTA:
O LABORATÓRIO HERMES PARDINI E A EMPRESA DE LOCAÇÃO DE CARROS UNIDAS TÊM ESTREIA NA BOLSA MARCADA PARA TERÇA-FEIRA 14. A SOMA DAS DUAS OPERAÇÕES DEVE CHEGAR A R$ 2,2 BILHÕES

"É a retomada do mercado de capitais. Este ano pode ter um volume espetacular de IPOs"
EDEMIR PINTO
PRESIDENTE DA BM&FBOVESPA

intenso corpo a corpo no mercado externo, conseguiu atrair apenas 50% de participantes estrangeiros no grupo que bancou o IPO. "O investidor estrangeiro é menos emocional que o local e continua bastante confiante no Brasil", diz Leandro Miranda, diretor-gerente do Bradesco BBI. "Eles estão se posicionando bem nesse cenário favorável de novas ofertas, mas não vão repetir os exageros de anos anteriores. Agora, estão bastante conservadores."

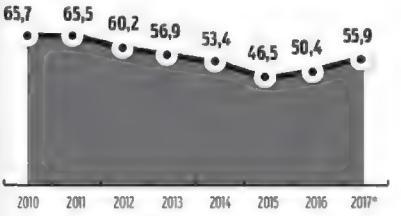
O ânimo dos estrangeiros está ligado, também, à valorização do Ibovespa, o principal índice da bolsa. Com alta de 38,9% no ano passado, ele bateu todas as aplicações de renda fixa. Em dólares, o ganho chegou a 60%. **Esse desempenho o aproxima de sua pontuação máxima histórica. Em maio de 2008, logo depois que o País conquistou o grau de investimento das agências de classificação de risco, o Ibovespa atingiu 73.516 pontos.** Na quinta-feira 9, fechou aos 64.954 pontos. Seria preciso subir mais 13,2% para empatar com o recorde nominal. Considerando a inflação acumulada no período, porém, o Ibovespa precisaria quase dobrar de patamar para bater o nível anterior. Nenhum analista ouvido pela DINHEIRO, porém, projeta quando isso ocorrerá. Até aqui, a alta no ano é de 8%. Nada mal.

Embora o otimismo esteja novamente presente, os riscos não sumiram completamente do radar. Internamente, a instabilidade política continua atrapalhando a economia. Tanto os novos desdobramentos da Operação Lava Jato como eventuais fracassos nas reformas trabalhista e da Previdência podem colocar um freio nesse passo que as empresas estão dando rumo ao mercado de capitais. A crise fiscal ainda não se dissipou. "Os riscos são mais internos e relacionados à encruzilhada de decisões, principalmente à reforma previdenciária", diz Samuel Kinoshita, sócio da Bozano Investimentos. "No exterior, há uma incerteza absurda, mas sem nenhum impacto imediato para as ações no Brasil." O cenário externo permanece uma incógnita. Ninguém consegue prever o resultado do destempero protecionista do presidente americano Donald Trump. Mas se as taxas de juros subirem no EUA por causa disso, os investidores podem correr para ativos de lá. Da mesma forma, as eleições na Europa e o perigo de uma guinada à direita na França e na Holanda podem mexer com a alocação global de ativos. O mundo ainda parece dirigir no gelo, o que exige cautela. No Brasil, porém, o destino aponta em direção à bolsa. Só é preciso cuidado para não acelerar antes do tempo e ter uma freada busca no meio do caminho. $

CAPITAL ESTRANGEIRO

O peso das ações do Brasil na carteira dos fundos internacionais especializados em América Latina estão longe do seu pico...

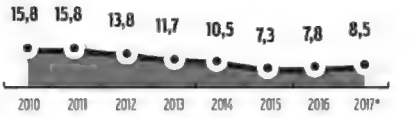
(Em % dos ativos)



Fonte: Bradesco BBI
*até 8 de fevereiro

...assim como naqueles voltados aos mercados emergentes

(Em % dos ativos)



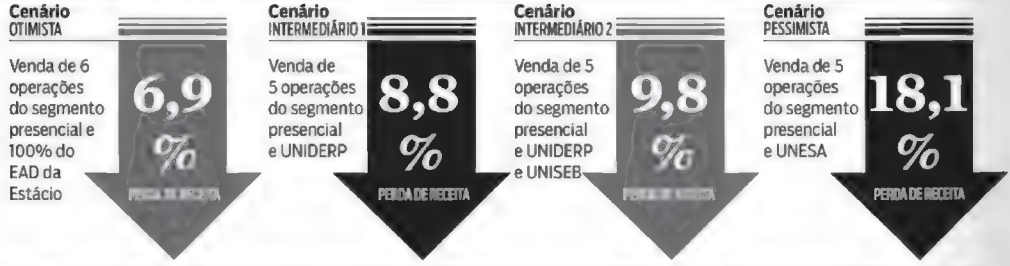
A prova final da KROTON

Após parecer contrário do Cade, **fusão entre Kroton e Estácio fica ameaçada**. Erros e disputas de egos também podem inviabilizar o maior negócio da história no mercado brasileiro de educação

André JANKAVSKI

Quando o presidente da Kroton, Rodrigo Galindo, concluiu as negociações para a fusão de sua empresa com a Estácio, em junho de 2016, o mercado da educação celebrou o acordo como uma das maiores vitórias do jovem executivo de 40 anos. Não era para menos: ele havia costurado uma engenhosa operação que criaria uma empresa com faturamento superior a R$ 8 bilhões, 1,6 milhão alunos e 23,5% de participação de mercado. Os únicos que poderiam atrapalhar a conclusão do negócio, diziam analistas, seriam os conselheiros do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Galindo sabia que haveria restrições, mas, informalmente, dizia que conhecia os remédios para acalmar o órgão regulador do mercado. A dose, entretanto, poderá ser amarga e há sérios riscos de a união não acontecer. Na sexta-feira 3, a Superintendência-Geral do Cade soltou uma nota a respeito da fusão entre Kroton e Estácio. Para o órgão antitruste, a junção levaria a uma concentração de mercado que "reduziria o nível de rivali-

VÃO-SE MAIS ANÉIS? O Santander simulou o impacto na receita da Kroton se ela abrir mão de ativos para consolidar a fusão



Fonte: Santander

 FOTO: ANDRE LESSA/ISTOE

DURO NA QUEDA: fusão com a Estácio tem se mostrado o maior desafio da gestão de Rodrigo Galindo no comando da Kroton. Ele não gostaria de se desfazer de unidades importantes, o que incomodou o Cade

ESTAMOS À VENDA: para o negócio ser aprovado, a UNIDERP aparece como um dos principais ativos a serem vendidos

dade sem apresentar eficiências que compensem os problemas concorrenciais encontrados." O órgão regulador, por consequência, recomendou a impugnação do negócio ou a adoção de remédios amargos. O caso será julgado, provavelmente, no fim do primeiro semestre de 2017. Até lá, no entanto, há muitos capítulos para serem acompanhados nessa novela da educação. Adicionalmente aos problemas com o Cade, erros de avaliação e disputas de egos entre os envolvidos podem inviabilizar a união.

Este é um dos negócios mais contestados dos últimos anos, especialmente pela concorrência. O setor enxerga com reticências a expansão voraz da Kroton. Não apenas desaprova, como critica o ímpeto que o CEO da companhia costuma adotar para conquistar seus objetivos. De acordo com pessoas próximas à alta cúpula das empresas, Galindo passou a agir de "forma soberba" desde que fechou o negócio. "Ele começou a pensar que poderia fazer tudo, que era infalível", diz um executivo, que não quis se identificar. "Por isso nem enviou contrapartidas relevantes ao Cade para justificar a compra." Essa é apontada como sua principal falha. Galindo poderia ter apresentado à autarquia ativos a serem negociados para reduzir a concentração, mas preferiu esperar o julgamento.

A Kroton não enxerga desta maneira. Por meio de nota, afirma que buscará "uma solução negociada junto ao Tribunal do Cade com o objetivo de afastar preocupações concorrenciais identificadas e obter a aprovação da operação." A empresa lembra, ainda, que um parecer semelhante foi dado à época da fusão com a Anhanguera. É verdade. Porém, além daquele negócio não ter tanta pressão contrária da concorrência, o Cade ficou de olho na Kroton. Até hoje, alguns conselheiros não aceitam a forma como o negócio foi aprovado. Para eles, mais restrições deveriam ter sido feitas. Além disso, apesar do otimismo nos corredores da Kroton, em São Paulo, o mesmo não acontece nas salas da Estácio, no Rio de Janeiro. Lá, a pressão para que a fusão não ocorra fica cada vez maior.

Um dos motivos apontados para a desistência do negócio é a denúncia de que a Kroton cometia irregularidades no Fies, programa do governo que subsidia estudantes. A empresa é acusada de ter feito distinção nas cobranças de alunos beneficiados pelo Fies, que pagavam mais do que os outros. A Kroton nega qualquer irregularidade. Segundo a companhia, a diferença nas mensalidades se

PRESSÃO CONTRA: executivos da Estácio fazem pressão para que o negócio com a Kroton não ocorra. Se o Cade vetar, será o primeiro fracasso de Galindo

deve a descontos dados em função de benefícios pontuais, como bolsas por parcerias com empregadores ou devido a pagamentos antecipados da mensalidade.

As acusações foram um prato cheio para concorrentes atacarem a Kroton. "Se eu fosse acionista da Estácio, ficaria muito preocupado com esta situação", afirma um executivo da Estácio. "E creio que conselheiros e até o próprio Cade vão olhar a empresa e a fusão com outros olhos por conta disso." Segundo apurou a DINHEIRO, pessoas próximas a Galindo, no entanto, reiteram a confiança no fechamento do negócio. "Existe a certeza de que, se for feita nova votação com os acionistas a respeito da fusão, a vitória será unânime", diz uma fonte. Mas, apesar da confiança, o apoio de todos não está garantido.

Com 11% de participação, o empresário Chaim Zaher é o maior acionista individual da Estácio. Durante as negociações ocorridas no ano passado, Zaher foi um ferrenho opositor ao negócio. Ele, inclusive, procurou parceiros para comprar a Estácio e chegou a assumir a presidência durante 20 dias, mas passou o bastão para Pedro Thompson. Três meses depois, com a fusão fechada e satisfeito com os termos, ele também renunciou ao seu assento no conselho. Para ele, hoje seria melhor se a fusão se concretizasse. Procurado, Zaher não concedeu entrevista sobre a questão do Cade. "Estou esperando a resolução mais rápida possível e o meu foco está na educação básica", limitou-se a responder, em mensagem pelo WhatsApp. Segundo a DINHEIRO apurou, ele prevê anunciar uma aquisição na próxima semana. Caso a fusão com a Kroton não saia, ele pode até aumentar a sua fatia na Estácio. Ele confidenciou a uma pessoa próxima que está tranquilo, pois os negócios continuam sendo geridos de forma independente e a gestão na Estácio está equacionada, com bons resultados.

A Ser Educacional é outro personagem importante nessa história. A companhia, fundada pelo paraibano Janguiê Diniz, tentou atravessar o negócio. Em parceria com a antiga diretoria executiva da Estácio, então comandada pelo ex-presidente Rogério Melzi, chegou a fazer uma proposta de fusão, que não agradou. Agora, a Ser pressiona como pode para não ficar tão atrás da principal rival. "Esta é uma questão que será decidida pelo Cade, nós estamos aguardando a definição do processo que está em andamento", disse, por e-mail, Jânyo Diniz, CEO da companhia. Nos bastidores, sabe-se que a Ser está longe de esperar passivamente o resultado. **A empresa recrutou a consultoria GO Associados, de Gesner Oliveira, ex-presidente do Cade, para fazer uma análise da fusão, que foi enviada ao órgão regulador.** O intuito era pressionar o Cade a dar um parecer contrário. Galindo ainda pode virar o jogo em Brasília, mas terá de abrir mão de unidades relevantes.

Alheios às intrigas da novela, analistas fazem um balanço dos próximos passos da Kroton e da Estácio. Bruno Giardino, do Banco Santander, criou quatro cenários de venda de ativos da empresa (*veja quadro na pág. 42*) que poderiam garantir a aprovação. Em apenas um deles, o impacto na receita líquida da nova companhia não passaria os 15%. Caso esse valor seja ultrapassado, qualquer uma das partes poderia desistir do negócio sem precisar pagar uma multa de R$ 150 milhões, como estabelecido no contrato. "Apesar do parecer duro do Cade, enxergo uma grande chance de o negócio acontecer", diz Giardino.

Outra visão compartilhada por especialistas é a de que um eventual fracasso poderia impactar mais a Estácio do que a Kroton. "Por conta de toda a mudança estrutural na diretoria, teoricamente a Estácio vai sofrer mais e a Kroton vai seguir a sua vida", diz Adeodato Volpi Netto, presidente da empresa de análises financeiras Eleven Financial. Contudo, a Kroton não sairia ilesa. "Seria a primeira grande falha de Galindo, o que afetaria sua imagem junto ao mercado", diz uma fonte próxima às negociações. Procurado, Galindo não concedeu entrevista. S

NOVO CHEFE: Pedro Thompson assumiu a presidência da Estácio após a saída de Rogério Melzi, em junho, e de Chaim Zaher, um mês depois.

FOTOS: DIVULGAÇÃO ESTACIO

MINERVA COM SOTAQUE INGLÊS

Carlos Eduardo VALIM

FUSO GLOBAL: *Galletti, o controlador, conduz plano internacional, para ter acesso a crédito e a novos mercados*

O frigorífico brasileiro chega ao Reino Unido e **pode entrar na onda dos IPOs internacionais**, que já movimenta JBS e Marfrig

O agronegócio e, em especial, a pecuária, é uma das forças do comércio exterior brasileiro. Mas, até a década passada, as grandes empresas nacionais do setor não tinham ganhado o mundo. Para ter uma prova de que isso mudou bastante, basta dar uma conferida na abrangência de operações de JBS, Marfrig e BRF. Em menor escala, mas seguindo uma evolução similar, o frigorífico paulista Minerva, com receita anual de R$ 9,5 bilhões, está prestes a se tornar uma companhia global. Em uma reunião do dia 30 de janeiro, o conselho de administração do Minerva aprovou a abertura de uma subsidiária na Inglaterra, que se chamará Minerva Europe. A nova empreitada da companhia, controlada pela família Vilela de Queiroz e presidida por Fernando Galletti de Queiroz, indica ambições maiores.

Escritórios internacionais facilitam as negociações em mercados diferentes, além de dar acesso a crédito a juros mais baixos. "No momento em que a primeira dessas grandes empresas brasileiras mirou o mercado externo, acabou sendo natural que todos os concorrentes se internacionalizassem", diz Alcides Torres, diretor e fundador da Scot Consultoria, especializada no setor. **As vendas externas do Minerva já representam por volta de 75% da receita.**

O impulso internacional da empresa ficou ainda mais forte depois que fundo saudita Salic, focado no mercado do agronegócio, adquiriu por R$ 750 milhões, em dezembro de 2015, uma participação de 20% na companhia. "Os árabes são grandes consumidores e importadores de carneiros", diz um especialista em pecuária. "O mercado de carneiros é dominado por empresas australianas. Pode fazer sentido ao Minerva buscar aquisições lá ou nos EUA." Para fazer isso, a empresa precisa se capitalizar, diz o consultor. Faria sentido para o Minerva, portanto, considerar uma abertura de capital no exterior, para atrair mais investidores internacionais.

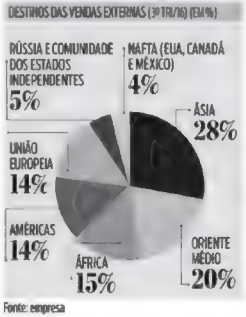
Essa é a estratégia da vez para as empresas brasileiras de proteína. O JBS considera um IPO de suas operações americanas, depois que o BNDES vetou uma reorganização global da companhia. Como forma de diminuir o seu endividamento, o Marfrig também estuda abrir o capital de sua subsidiária americana, a Keystone Foods, que fornece carne processada para a rede McDonald's. Já a BRF está analisando negociar ações em mercado da unidade OneFoods, a antiga Sadia Halal, voltada a vender carnes para consumidores muçulmanos.

A Minerva também diversificou a sua produção. De suas unidades de abate, saíram, no terceiro trimestre do ano passado, 22% das exportações de carne do Brasil, 20% do Paraguai e 16% do Uruguai. Segundo relatório do Bradesco BBI, a empresa procura alvos de aquisições na América do Sul. Depois de desistir, em janeiro, da compra da capixaba Frisa, esse interesse deve aumentar.

CARNE GLOBAL

Divisão das vendas da Minerva

DESTINOS DAS VENDAS EXTERNAS (3º TRI/16) (EM %)



Fonte: empresa

A CISCO MOSTRA SUA FORÇA

Depois de **investir mais de R$ 1 bilhão no Brasil,** a gigante americana quer acelerar seu **crescimento no País** na esteira da internet das coisas

Moacir DRSKA

Com mais de duas décadas no mercado de tecnologia, Laércio Albuquerque ainda é um novato na Cisco. Aos 46 anos, ele está à frente da operação local da gigante americana, dona de uma receita global de US$ 49,2 bilhões, há apenas dez meses. O desafio veio em meio a um dos períodos de recessão mais turbulentos da economia brasileira. O contexto desfavorável contrasta com o entusiasmo do executivo nascido na pequena Batayporã (MS) e acostumado desde cedo a superar as adversidades. Filho de uma família humilde, ele ganhou seus primeiro trocados ainda menino, como catador de papelão. "Esses últimos meses têm sido espetaculares", diz Albuquerque, que enxerga um cenário de retomada no País. "Nós nos preparamos para esse novo ciclo no momento ideal: durante a crise."

Mais do que um discurso protocolar, a visão de Albuquerque é sustentada por números. Nos últimos quatro anos, a Cisco investiu mais de R$ 1 bilhão para fortalecer sua presença no Brasil. Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro foram um dos ganchos do aporte. A companhia

LAÉRCIO ALBUQUERQUE, CEO DA CISCO: *"Nos preparamos para a retomada no momento ideal: durante a crise"*

CELEIRO DE IDEIAS: *inaugurado em 2013, o centro de inovação do Rio de Janeiro reúne clientes, universidades e startups para criar soluções de internet das coisas*

CONEXÃO LOCAL

Confira alguns dos projetos realizados pela Cisco no Brasil nos últimos quatro anos:

1. **Ampliação do portfólio** de produtos fabricados no País
2. Criação de um **centro de inovação** no Rio de Janeiro
3. Fez aportes de **US$ 20 milhões** em fundos de venture capital
4. Foi responsável pela **infraestrutura de transmissão da Rio 2016**

respondeu pela infraestrutura de transmissão de dados e imagens do evento. Os projetos incluíram ainda a fabricação local de equipamentos de telecomunicações, a criação de um centro de inovação e o investimento de cerca de US$ 20 milhões nos fundos de venture capital Monashees e Redpoint, para apoiar startups brasileiras.

A partir desse legado, a Cisco quer, agora, ganhar tração na internet das coisas, como é conhecida a onda tecnológica que define a comunicação entre qualquer objeto conectado à rede de dados, sem intervenção humana. De carros a eletrodomésticos e sistemas de cidades inteligentes, a aplicação é vasta. Segundo um estudo da consultoria britânica Pyramid Research, 73% das empresas de médio e grande porte do Brasil já possuem ou planejam implementar um projeto sob esse conceito em 2017. A busca por eficiência operacional e redução de custos é o principal mote para 60% dessas companhias.

Para Pietro Delai, analista da consultoria IDC, o uso de sensores para identificar gargalos em linhas de produção é uma das aplicações em alta, especialmente em virtude da crise. "O Brasil tem um parque industrial relativamente antigo e essas tecnologias reduzem essas lacunas", diz. **A IDC prevê que a internet das coisas vai movimentar cerca de US$ 13 bilhões no País em 2020.** Previsto para ser concluído no fim desse semestre, o Plano Nacional de Internet das Coisas, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), é outro fator que deve favorecer a categoria. "Vai ser um divisor de águas do setor no País", afirma Delai.

Atenta a essa demanda, a Cisco aposta em um portfólio que inclui desde softwares e equipamentos até plataformas de segurança. Com o aumento das conexões e, por tabela, das brechas para ameaças virtuais, essa última ponta é vista como uma das partes essenciais em projetos desse porte. Nesse contexto, a empresa planeja começar a fabricar essas soluções em sua unidade industrial instalada em Sorocaba (SP). Ali já são produzidas algumas linhas de servidores, roteadores e switches, o que representa 20% das ofertas locais da marca. "Queremos dobrar esse índice nos próximos dois anos", afirma Albuquerque.

Inaugurado em 2013, o centro de inovação instalado no Rio de Janeiro é outra ponta importante nessa estratégia. A empresa está usando a estrutura para desenvolver soluções em parceria com clientes e universidades. As startups também integram essa frente. A Cisco promove encontros com empresas novatas no local para identificar ideias promissoras. Esse trabalho de prospecção é apoiado pelos fundos Monashees e Redpoint. Quando selecionadas, as startups passam a ter acesso ao centro e às tecnologias da Cisco para aprimorar seus projetos. "Temos de nos aproximar de todos esses elos. Não conseguimos fazer tudo sozinhos", diz Albuquerque.

Durante a Rio 2016, a região do Porto Maravilha foi a vitrine para os primeiros frutos dessas parcerias. Uma das aplicações apresentadas no evento, criada em conjunto com a novata NetSensors, são 28 bueiros inteligentes, equipados com sensores que monitoram a quantidade de lixo e apontam o momento mais apropriado para a coleta. Outra solução foi um sistema de áudio vigilância, desenvolvido com a Audio Alerta, que identifica sons incomuns, como o barulho de um tiro, e aciona automaticamente uma central de segurança. Uma tecnologia similar em vídeo já está sendo adotada em supermercados, para monitorar e alertar sobre furtos.

Todas as soluções do Porto Maravilha ficaram como legado para a região. À parte dessas aplicações, a Cisco ainda não definiu o destino das 60 toneladas de equipamentos usados na Olimpíada. A empresa está em discussão com diversos municípios, não restritos ao Rio de Janeiro, para uma possível doação e desenvolvimento de novos projetos. Mesmo sem essa definição, Albuquerque comemora a herança do evento e do plano de investimentos da companhia. "Estamos muito otimistas", diz o executivo, que brinca: "Daqui para frente, a 'culpa' é minha." $

FOTO: CLAUDIO GATTI

A rede social de Evan Spiegel está **prestes a fazer uma bilionária abertura de capital nos EUA**. Mas Mark Zuckerberg quer estragar essa festa

Roger MARZOCHI

O FACEBOOK ASSOMBRA O SNAPCHAT

Em 2013, o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, fez uma proposta de US$ 3 bilhões para comprar o Snapchat, rede social fundada por Evan Spiegel, que estava conseguindo atrair a atenção do público jovem. Spiegel recusou a oferta, acreditando que a startup, que tinha apenas dois anos de vida, poderia valer muito mais no futuro. Quase quatro anos depois, ele, aparentemente, tinha razão. A Snap, novo nome da companhia, está prestes a fazer a maior abertura de capital de uma empresa de tecnologia americana desde o Facebook. Estima-se que o valor de mercado da rede social de Spiegel fique entre US$ 20 bilhões e US$ 25 bilhões, captando US$ 3 bilhões na Bolsa de Nova York, em março.

Uma pessoa, no entanto, pode assombrar a abertura de capital da Snap,

PLANO DE ATAQUE

Mark Zuckerberg está tentando atrair

INSTRAGRAM STORIES

Lançado em agosto de 2016, ele permitia publicar fotos e vídeos que desaparecem após 24 horas, assim como o recurso do Snapchat. Já conta com 150 milhões de usuários diários

FLASH

O Brasil foi o primeiro país a receber o novo aplicativo do Facebook, em novembro de 2016. Ele tem bate-papo que se apaga e compartilha fotos e vídeos que somem. Serviço incentiva o usuário a usar intensamente a câmera, como o Snapchat

FOTO: LUIS GENE / AFP

cujo símbolo é um fantasma. Trata-se de ninguém menos do que Zuckerberg. Desde que teve sua proposta recusada, o dono do Facebook seguiu uma estratégia de outros lendários empreendedores do Vale do Silício. Assim como Steve Jobs, que copiou um recurso da Xerox para lançar a interface gráfica no computador Macintosh, e Bill Gates, que se inspirou em Jobs para desenvolver seu sistema operacional Windows, Zuckerberg adotou uma série de iniciativas que clonam alguns dos recursos mais atraentes do Snapchat. Seu objetivo é atrair o interesse do público jovem, que usa smartphone e que resiste a ser alcançado por meio da publicidade de forma tradicional.

Não tem sido fácil, no entanto, para Zuckerberg acertar a mão. Desde 2013, ele fez várias tentativas, lançando aplicativos que se pareciam com o Snapchat. Muitos deles fracassaram, como o Poke ou o Slingshot. Em agosto do ano passado, o dono do Facebook parece que, pela primeira vez, conseguiu vencer a resistência do público jovem e aproveitou a marca Instagram. Na ocasião foi lançado o Instagram Stories, um recurso de seu aplicativo de fotos, comprado por US$ 1 bilhão, em 2012. Com essa nova funcionalidade, as fotos ou vídeos desaparecem depois de 24 horas, assim como no Snapchat. **"Quando o Instagram Stories foi lançado, percebemos que foi abrandado o ritmo de crescimento do Snapchat", diz Jessica Ekholm, diretora de pesquisas da consultoria Gartner.**

o público jovem, copiando o Snapchat

STORIES NO FACEBOOK

O recurso de publicar fotos e vídeos que desaparecem depois de 24 horas está sendo testado na Irlanda, desde janeiro deste ano. A intenção é liberá-lo para outros usuários em breve

RAIO-X

Conheça os principais números do aplicativo:

FATURAMENTO
US$ **404,5** milhões

PREJUÍZO
US$ **514** milhões

NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS
1.859

EXPECTATIVA DE CAPTAÇÃO COM IPO
US$ **3** bilhões

FUTURO VALOR DE MERCADO
entre US$ **20** bilhões e US$ **25** bilhões

USUÁRIOS ATIVOS DIÁRIOS
161 milhões

FAIXA ETÁRIA DOS USUÁRIOS
18 a **24** anos (36%), **13** a **17** anos (22%)

Fonte: prospecto de abertura de capital da Snap

Os dados apresentados no prospecto de abertura de capital comprovam que o Snapchat desacelerou com o acirramento da competição. Nos três últimos trimestres de 2016, o crescimento do número de usuários avançou apenas 5%. Atualmente, com uma média diária de 161 milhões de usuários, Spiegel assistiu ao Stories, do Instagram, se aproximar perigosamente. Atualmente, o aplicativo do Facebook conta com uma média diária de 150 milhões de usuários. Uma pesquisa do banco de investimento americano Piper Jaffray indica que Instagram e Snapchat estão disputando, cabeça a cabeça, a preferência do público com até 25 anos de idade. Segundo ela, 80% dos pesquisados dizem usar o Snapchat ao menos uma vez por mês. No caso do Instagram, o percentual é de 79%. "Acreditamos que os dois poderão coexistir", escreveu o analista Samuel Kemp, da Piper Jaffray, em um relatório.

EVAN SPIEGEL, DA SNAP: *ele recusou oferta de US$ 3 bilhões do Facebook*

O Instagram não é a única arma do arsenal de Zuckerberg. Em novembro, o Facebook lançou o aplicativo Flash no mercado brasileiro. O novo App tem funções de "máscaras" com realidade aumentada para selfies, semelhante às lentes do Snapchat. As fotos e vídeos instantâneos podem ser compartilhados com os amigos e ficam no ar apenas 24 horas. Dois meses depois, foi a vez de Zuckerberg anunciar o Stories no próprio Facebook, que conta com uma média diária de 1,2 bilhão usuários. Consumidores da Irlanda estão testando o recurso, que em breve irá para outros países.

Além desses obstáculos, a Snap terá de expandir-se globalmente. Atualmente, quase 80% de seus usuários estão concentrados na América do Norte e na Europa. No Brasil, que tem quase 10 milhões de pessoas usando o Snapchat, a empresa conta com um representante comercial para vender publicidade: a IMS. A Snap, que espera faturar US$ 1 bilhão em 2017, precisará "se reinventar a todo momento", segundo Jessica Ekholm, do Gartner. Um dos exemplos de inovação citados pela analista são os óculos Spectacles, que a empresa lançou no ano passado. Esse acessório tecnológico possui uma câmera e é capaz de enviar fotos instantâneas para o Snapchat. Ao que tudo indica, a briga entre Snap e Facebook deve durar muito mais do que as efêmeras imagens e vídeos de seus aplicativos.

HASTINGS: *"A Netflix se tornou um grande símbolo de criar conteúdo e espalhar para o mundo"*

Sintonia fina

Por que o Brasil se tornou peça-chave na estratégia de expansão global da **Netflix**

Roger MARZOCHI

Após 20 anos de sua primeira visita ao Brasil, o CEO e fundador do serviço de *streaming* de vídeo Netflix, Reed Hastings, fez questão de ir ao D.O.M., em São Paulo, na segunda-feira, 6. Ele queria conhecer o aclamado restaurante do brasileiro Alex Atala, um dos personagens retratados na segunda temporada da série *Chef's Table*, produzida pela Netflix, que conta a história de cozinheiros redor do mundo. "Ele me disse que o seriado mudou sua vida", contou Hastings, em um encontro com a imprensa um dia depois. Isso porque, segundo o relato do empresário, o trabalho de Atala ganhou ainda mais projeção no exterior com esse programa. "A Netflix se tornou em um grande símbolo de criar conteúdo e espalhar para o mundo todo", afirmou o empreendedor.

Hastings, no entanto, não estava no Brasil só para provar as iguarias da culinária brasileira de Atala. Ele esteve por aqui porque a estratégia de crescimento da companhia passa pelo mercado brasileiro. "O Brasil é um foguete", afirmou Hastings. "Vamos investir mais no País e na América Latina." Estima-se que a Netflix tenha seis milhões de assinantes no País, de acordo com o blog Notícias da TV, do jornalista Daniel Castro. Os números foram calculados a partir de *logins* na internet, tráfego de dados e pesquisas de mercado por uma empresa que não quis divulgar seu nome. **Com uma mensalidade média de R$ 22,90, sua receita estaria na casa dos R$ 1,3 bilhão, o que seria 30% superior ao do SBT, emissora do Sílvio Santos**, e só atrás da Rede Globo. A Netflix não confirma os dados.

TELA QUENTE

Fez do Brasil uma espécie de laboratório para sua **expansão internacional**. O País foi o primeiro mercado em que atuou fora dos EUA e Canadá, em 2011. Atualmente, conta com estimados **6 milhões de assinantes** por aqui

Em 2013, a empresa apostou na produção de **séries próprias**, o que impulsionou sua receita. E, nesse processo, investiu em talentos brasileiros como o diretor **José Padilha** e o ator **Wagner Moura**, em "**Narcos**"

CÂMERA E AÇÃO: *o diretor José Padilha, após participar de "Narcos", filma uma série sobre a Operação Lava Jato*

DISTOPIA: *a série "3%" foi a primeira produção brasileira original da Netflix, que terá uma segunda temporada*

TALENTO NACIONAL: *a atriz Alice Braga, da produtora Losbragas, vai produzir "Samantha", nova série da Netflix*

A caminhada para ganhar o mercado brasileiro não foi simples. Quando estreou no País, há seis anos, a empresa enfrentou dificuldades. "Eles enviaram uma equipe para investigar o que estava acontecendo", diz Edney Souza, professor da Pós-Graduação de Comunicação Digital da ESPM. Liderada pelo executivo Todd Yellin, o grupo desembarcou em São Paulo e constatou que a baixa adesão ao serviço era um reflexo da precariedade da web. A direção da empresa, na Califórnia, determinou que o grupo fizesse de tudo para conseguir resolver essa questão. "Eles instalaram servidores no País e fizeram parcerias com empresas de telefonia", diz Souza. O que aprendeu por aqui foi essencial para a Netflix se lançar na sua maior ofensiva global. Em janeiro de 2016, ela lançou o seu serviço em 130 países. Hoje, está em 190 países, contando com 93,8 milhões de assinantes.

Em 2013, a empresa tomou a decisão de produzir conteúdo próprio, ficando mais independente de acordos de licenciamento com estúdios e tevês dos EUA. O sucesso de *House of Cards*, que conta a história de um político inescrupuloso, abriu as portas para outras produções. A maioria delas ainda é filmada nos EUA, onde se tornou a maior produtora de séries. No ano passado, foram 43 títulos. Mas, cada vez mais, a Netflix busca parcerias locais, como a que aconteceu com a série *Narcos*, sobre o traficante Pablo Escobar, que alcançou sucesso global. Ela é protagonizada pelo ator baiano Wagner Moura e dirigida por José Padilha, o mesmo do filme "Tropa de Elite". "Atores americanos, brasileiros, colombianos e uma história latina", diz Souza. "Essa salada para agradar a todos ajudou a Netflix." Narcos se transformou em um sucesso global e levou a companhia a ganhar mercado no Brasil.

Na semana passada, a Netflix mostrou que vai reforçar sua estratégia de produção de séries no País. Hastings anunciou *Samantha*, a segunda série original brasileira, que começa a ser gravada neste ano pela produtora Losbragas, de propriedade da atriz Alice Braga. A série contará a história de uma atriz mirim que, aos 20 anos, tenta recuperar a fama ao lado do marido, um ex-jogador de futebol, que passou dez anos na prisão. "Essa série vai levar a cultura brasileira para o mundo", disse Hastings. A primeira produção brasileira foi *3%*, da Boutique Filmes. O CEO da Netflix confirmou que ela terá uma segunda temporada. Além disso, Padilha segue filmando uma série inspirada na Operação Lava Jato.

Mas nem só de séries originais vive a Netflix. O serviço negocia com o Simba, grupo formado pelo SBT, Record e RedeTV para o licenciamento da produção dessas emissoras. Hastings ainda diz que pode até produzir novelas. Seria um confronto com a Globo, sinalizando que as próximas temporadas da Netflix devem ser ainda mais emocionantes.

A companhia anunciou ainda a produção da segunda série brasileira, que se chamará "**Samantha**". A primeira produção nacional foi "**3%**", sucesso de crítica nos EUA, lançada em novembro de 2016. Há, ainda, uma terceira série em gravação sobre a **Operação Laja Jato**

A empresa de **Reed Hastings** está negociando com o **Simba**, grupo formado por **Record**, **SBT** e **RedeTV**, para licenciamento de conteúdo dessas emissoras em sua plataforma global

APPLE FICA À FRENTE DA SAMSUNG

Com a imagem avariada após as explosões do Galaxy Note 7, a Samsung perdeu a liderança mundial na venda de celulares no quarto trimestre do ano passado. É o que revela pesquisa da consultoria americana IDC. A Apple, fabricante do iPhone, voltou ao topo com vendas de 78,3 milhões de smartphones, uma alta de 4,7% em relação ao mesmo período do ano passado. É a primeira vez, desde 2011, que a empresa comandada por Tim Cook fica no topo da pesquisa. Enquanto isso, a Samsung vendeu 77,5 milhões de aparelhos, uma queda de 5,2%. A indústria colocou no mercado 428,5 milhões de celulares, uma alta de 6,9% em relação ao quarto trimestre de 2015. Em 2016, foram vendidos um total de 1,47 bilhão de equipamentos, alta de 2,3%.

GOOGLE APRIMORA PESQUISAS DE SAÚDE NO BRASIL

Pesquisar sobre sintomas de doenças na internet ficou mais confiável desde a segunda-feira 6. É que o Google aprimorou seu algoritmo de buscas em dispositivos móveis na área de saúde, com a chancela dos médicos do Hospital Israelita Albert Einstein. O trabalho, resultado de um acordo fechado em março do ano passado com o hospital, reúne a curadoria de 400 temas até 200 sintomas cadastrados. Uma a cada 20 buscas no Google é sobre saúde. O Brasil é o segundo país a receber esse projeto, que teve início no ano passado nos EUA. "Depois da busca por doenças, era natural que passássemos a oferecer às pessoas esse mesmo resultado quando elas procurassem por sintomas", diz Berthier Ribeiro-Neto, diretor do Centro de Engenharia do Google na América Latina, sediado em Belo Horizonte.

VAREJO COMEÇA A UTILIZAR REALIDADE AUMENTADA

O Cas no controlador do Grupo Pão de Açúcar (GPA) no Brasil firmou parceria com a startup francesa Augment para tornar os produtos disponíveis em sua plataforma de e-commerce, a CDiscount. Desde dezembro, a empresa iniciou testes na França com o uso de uma tecnologia que permite aos consumidores visualizar os produtos em 3D no local onde quer colocá-lo na sua casa. O aplicativo permite a reprodução de um móvel ou eletroeletrônico em tamanho real. Para a companhia, a novidade ajudará a elevar a taxa de conversão, que mede quantos visitantes online se transformam em consumidores.

Criminosos digitais

PESQUISA REVELA QUEDA NO NÚMERO DE FRAUDES NO COMÉRCIO ELETRÔNICO BRASILEIRO NO ANO PASSADO:

3,58% foi o índice de fraudes do comércio online no ano passado

O resultado é **0,25** PONTO PORCENTUAL menor que o de 2015

Fonte: Raio-X da Fraude no E-commerce Brasileiro, feita pela Konduto, empresa que monitora o comportamento de navegação e compra em uma loja virtual ou aplicativo

FOTOS: DIVULGAÇÃO | ISTOCK

CIENTISTAS AMERICANOS CRIAM UM "DRONE-MORCEGO"

Cientistas do Instituto de Tecnologia da Califórnia inventaram um drone parecido com um morcego. Batizado de **BatBot**, seu esqueleto é feito de fibra de carbono e asas de silicone. Apesar de ser similar a um morcego, o drone foi construído em uma estrutura simplificada. Em vez das 40 articulações do mamífero, o equipamento utiliza nove juntas mecânicas, postas em movimento por cinco motores elétricos. O aparelho é capaz de realizar voos sem a interferência de um controlador. Mas, assim como nos veículos autônomos, é preciso indicar as diretrizes para onde voar. Seu principal benefício é não possuir hélices, como as dos drones atuais, que podem machucar seres humanos e animais.

APLICATIVO APROXIMA A FARMÁCIA DOS CLIENTES

Comprar remédios e produtos de beleza pode ficar mais fácil. A Phamarcy S/A, empresa de Blumenau (SC), lançou, na semana passada, o Farmácias APP. Apesar da pouca criatividade no nome do aplicativo, o sistema tem parceiros de peso como Drogaria São Paulo, Drogaria Pacheco e Onofre, entre outras. Por meio do sistema, o cliente pode comprar remédios que não exigem receita médica, além de uma série de itens, como produtos de beleza. O plano é conquistar 50 mil usuários até o fim do ano.

Os **LARÁPIOS ONLINE** costumam agir entre 18h e 21h59, horário que representa aproximadamente **30%** das tentativas de golpes

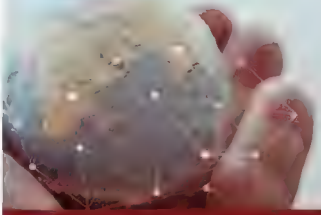
A cada **28** **PEDIDOS** feitos em uma loja virtual ao menos um é realizado por criminosos

Apenas **7%** das tentativas de fraude ocorrem entre 1h e 7h da manhã

A maioria dos hackers usa desktop com o **WINDOWS** E **GOOGLE CHROME**

19,9% das fraudes são feitas a partir de celulares e tablets

VÁ MAIS LONGE
Faça Pós-Graduação
PORTAL EDUCAÇÃO



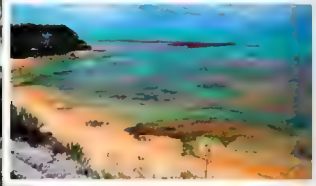
Quer conquistar patamares cada vez mais altos na sua carreira?

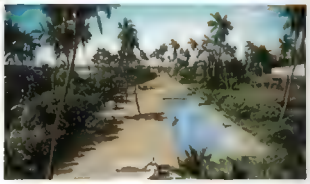
Faça Pós-Graduação online no Portal Educação! Os cursos são autorizados pelo MEC e possuem certificado impresso.

Online
Cursos Autorizados Pelo MEC
Certificado Impresso

FAÇA JÁ SUA MATRÍCULA!

portaleducacao.com.br
0800 707 4520
11 99845-9980





ALÉM DO QUADRADO: *as praias de Trancoso ganharão o reforço de um hotel Fasano (abaixo), com 40 quartos, e um condomínio de casas assinadas pelo arquiteto Isay Weinfeld (ao lado)*

FASANO INVADE A BAHIA

A REDE HOTELEIRA DE LUXO CHEGA A TRANCOSO EXPLORANDO UM NOVO SEGMENTO QUE MISTURA CONDOMÍNIO RESIDENCIAL E HOTEL NO MESMO EMPREENDIMENTO

Rodrigo CAETANO

A união entre hotéis e condomínios residenciais é uma tendência mundial, que vem ganhando espaço no Brasil. Resorts como o Portobello Mangaratiba, no Rio de Janeiro, o Tivoli Ecoresort Praia do Forte e o Txai Itacaré, na Bahia, agregam em seu entorno empreendimentos imobiliários. Os donos das casas podem utilizar a infraestrutura dos hotéis, como se fossem hóspedes. Agora, uma das grifes mais celebradas do universo do luxo chega para disputar o mercado na Bahia utilizando o mesmo modelo. Em uma área de 300 hectares em Trancoso, com 500 metros de praia, a incorporadora Bahia Beach, criada por um grupo de investidores suecos, prepara a construção de um complexo turístico, o Reserva Trancoso, que contempla um condomínio com 23 casas, chamadas de "vilas", e 19 lotes de até oito mil metros quadrados, ou "estâncias". O grande atrativo do projeto, no entanto, é um hotel administrado pelo Grupo Fasano, de apenas 40 quartos. Trata-se da primeira incursão do tradicional grupo de luxo na Bahia e nesse modelo híbrido de hotelaria e imóveis residenciais.

O Reserva Trancoso consumirá, inicialmente, R$ 130 milhões. Todo o investimento será feito pela Bahia Beach, ficando a cargo do Fasano apenas a administração hoteleira. Com projeto arquitetônico assinado pelo renomado arquiteto Isay Weinfeld, responsável, também, pelos hotéis Fasano de São Paulo e de Punta Del Este, no Uruguai, o condomínio oferecerá aos proprietários das "vilas", além dos serviços dis do hotel, um sistema de reservas pelo qual os donos das casas podem alugar os imóveis quando estiverem vazios. "Isso vai gerar uma renda considerável aos proprietários", afirma Frederico Schiliró, CEO da Bahia Beach. **O preço das "vilas", que têm entre 260 e 400 metros quadrados, varia de R$ 4 milhões a R$ 6 milhões. As estâncias estão precificadas entre R$ 2 milhões e R$ 5 milhões.**

Segundo Pedro Cypriano, sócio da Hotel Invest, consultoria especializada no setor de hospedagem, esse casamento é uma forma eficiente de agregar valor a empreendimentos imobiliários. "Imóveis são um negócio de saída rápida. Já nos hotéis, os investidores precisam ficar um tempo a mais", diz. "A união dos modelos reduz os riscos." Ele espera que mais marcas de luxo explorem essa possibilidade.

TURISMO EM ALTA: *Frederico Schiliró, CEO da Bahia Beach, espera desenvolver o mercado na região*

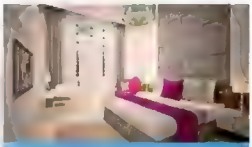
A Bahia Beach espera trazer crescimento à região. "Estamos buscando um modelo de desenvolvimento amplo", afirma Frederico Schiliró, CEO da Bahia Beach. "O nosso hóspede encontrará, além do luxo, toda uma infraestrutura de entretenimento." Quem já se interessou foi o publicitário baiano Nizan Guanaes, sócio-fundador do Grupo ABC, maior empresa de publicidade do País. Ele, inclusive, se tornou embaixador do Reserva Trancoso.

FOTOS: FERNANDO BERNARDO PRANDI

COBIÇA

POR ANDRÉ JANKAVSKI

VÁ PARA CUBA COM ESTILO



Se, no calor de uma discussão política, alguém soltar "vai para Cuba", agradeça. A rede hoteleira de luxo Kempinski, uma das mais antigas da Europa, anunciou que inaugurará a sua primeira unidade na ilha caribenha até o fim deste ano. O edifício escolhido foi o histórico Manzana de Gómez, construído em 1890 e localizado na região de Vieja Havana, que é patrimônio tombado pela UNESCO. O prédio de cinco andares foi o primeiro shopping da capital cubana e agora terá um empreendimento com 246 suítes no estilo neoclássico. Entre as atrações da cobertura estarão uma piscina e um lobby para apreciar a vista e degustar os tradicionais charutos e runs do país de Raúl Castro. Para completar, os quartos terão acesso gratuito e ilimitado à internet – algo que é um verdadeiro luxo em Cuba. O valor das diárias do hotel, que vem sendo considerado por especialistas como o primeiro com real estrutura cinco estrelas do país, não foi divulgado.

BANHO SUSTENTÁVEL

Banheiras são muito relaxantes e confortáveis. Mas gastam muita água. Para resolver isso, a empresa alemã Duravit criou uma peça que pode manter a mesma água, limpa e filtrada, por até três meses. A Blue Moon é uma banheira de hidromassagem com meio metro de profundidade e que suporta até quatro pessoas. Ela possui um gerador de ozônio integrado, responsável pela filtragem e desinfecção da água e das paredes. Quando não utilizada, a Blue Moon ainda possui uma tampa acolchoada, que a transforma numa espécie de puff gigante. Preço: R$ 22 mil.

TESLA EM DUAS RODAS

A Tesla vem revolucionando o mercado automotivo com os seus veículos elétricos e autônomos. O suíço Thomas Binggeli, com a sua empresa Stromer, quer fazer o mesmo com as bicicletas. Para isso, lançou a Stromer ST2S, que está sendo considerada uma verdadeira Tesla de duas rodas por especialistas. Com bateria de íon de lítio de alta capacidade, a bicicleta chega a alcançar 50 km/h e tem autonomia de até 120 quilômetros por recarga. O design também lembra os carros da empresa de Elon Musk. A bicicleta custa US$ 10 mil.

CARNAVAL MAIS EXCLUSIVO

Os ingressos do Sambódromo carioca costumam ser disputados por famosos e anônimos todos os anos. Para 2017, o camarote Allegria, criado por alguns dos principais produtores de eventos da região, promete ser o mais concorrido. Seus 640 m² garantem a maior área de visão da Sapucaí. Shows de celebridades, como do sambista Arlindo Cruz e do cantor de axé Bell Marques, trarão ainda mais animação para a festa. O pacote para os cinco dias de carnaval chega a R$ 5,8 mil, com cardápio criado pelo chef Pedro Benoiel e bebidas liberadas.

GELO PERFEITO

Para os apreciadores de uísque, especialmente os refinados puro malte, uma simples pedra de gelo pode alterar o sabor do destilado. Pensando nisso, a destilaria escocesa The Macallan criou o Ice Ball Maker *(no baú à esq.)*, uma peça de alumínio que cria uma esfera de gelo com 65mm de diâmetro. Por conta do material e do tamanho da pedra, o derretimento é mais lento, o que refresca a bebida, mas evita a mudança do gosto. No Brasil, o Ice Ball Maker é vendido em conjunto com um baú, que ainda acompanha três garrafas da bebida e dois copos. Limitado a onze unidades, o pacote é vendido por R$ 15 mil.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A CHOCANTE COBRANÇA DA METLIFE

Seguradora e AES Eletropaulo são **multadas pelo Procon** por desconto não autorizado de seguros nas contas de energia de 100 mil clientes de São Paulo

Flavia GALEMBECK

Snoopy, o simpático personagem dos quadrinhos usado na publicidade da seguradora americana MetLife, deve estar chocado. A empresa foi multada em R$ 352 mil pela Fundação Procon e está sendo investigada pela Superintendência de Seguros Privados por ter inserido cobranças de seguros sem autorização em contas da AES Eletropaulo, que foi multada em R$ 3,64 milhões. Combinadas, as autuações são as maiores já aplicadas neste tipo de infração. Segundo o Procon, entre junho de 2016 e janeiro, pelo menos 100 mil consumidores na Grande São Paulo – onde a AES atende 20 milhões de pessoas – pagaram de R$ 7 a R$ 34 por mês por seguros de vida e planos odontológicos da MetLife. Detalhe: eles não haviam contratado esses produtos. Segundo o Procon, as gravações inseridas nos processos de defesa apresentados pelas próprias companhias mostram que os consumidores não solicitaram o serviço, ou que receberam outras ofertas, como de conserto de eletrodomésticos. Ainda assim, os seguros foram cobrados. As queixas de consumidores que não conseguiam cancelar os serviços nem reaver os valores pagos fizeram o Procon notificar as empresas no fim de janeiro.

As companhias apresentaram suas defesas no dia 2 de fevereiro. Depois do estrago, fizeram a lição de casa para corrigir a situação. Informaram ter estabelecido números telefônicos para que os consumidores pudessem ligar gratuitamente, declararam a intenção de ressarcir em dobro, com juros, o que foi cobrado indevidamente – conforme manda a lei. E se comprometeram a parar de vender os serviços. As medidas atenuaram as multas, que poderiam chegar a R$ 8,9 milhões e foram aplicadas na quinta-feira 10. Cabe recurso. Entre 27 de janeiro e a segunda-feira 6, o Procon recebeu 373 reclamações. "Muitos consumidores ainda estão tomando ciência das cobranças, então o número deve aumentar", diz Paulo Miguel, diretor do Procon de São Paulo.

O principal problema foi a forma de cobrar. As regras são claras – e não foram cumpridas. Em 2013, a resolução nº 581 da Aneel autorizou as distribuidoras a usar a conta de luz para cobrar por atividades acessórias, como seguros. No ano anterior, a circular nº 440, de junho de 2012, da Susep, regulamentou a contratação de microsseguros via conta, mas exigindo que o consumidor autorizasse essa contratação verbalmente.

Os procedimentos estabelecidos pela Susep não foram cumpridos nem pela AES Eletropaulo, nem pela MetLife. Entre eles, a necessidade de a conta informar o nome e o CNPJ da seguradora, as coberturas contratadas e a vigência da cobertura. Os consumidores não receberam as apólices dos seguros e, no caso do plano odontológico, nem as carteirinhas para usar o serviço, segundo o Procon. Em algumas contas, a cobrança aparecia em nome da AES Odonto, empresa que, até a terça-feira 7, não constava dos registros da Susep. A Superintendência informou que foi aberto um processo interno para analisar o caso. Se as denúncias forem confirmadas, "serão aplicadas as sanções previstas", informou a Susep, sem explicar quais são elas.

A cobrança irregular não surpreendeu o Procon. "Avisamos, na época, que essa regulamentação traria problemas, pois em autorizações por telefone, muitas vezes, o consumidor é induzido a responder que tem interesse, sem saber que está comprando", diz Miguel. A decisão afeta a estratégia das empresas. Segundo a AES Eletropaulo, a MetLife é a principal parceira comercial da AES Ergos, subsidiária da distribuidora de energia. Criada em abril de 2016, sua meta é faturar R$ 1,2 bilhão até

2020 buscando parcerias. Segundo Mauro Alves da Silva, ex-representante dos consumidores de Classe Residencial no Conselpa, o conselho de consumidores da AES Eletropaulo, apesar de essa prática ser autorizada pela Aneel, a cobrança do serviço tem de ser prévia e formalmente autorizada pelo consumidor. Ele questiona como a seguradora obteve os dados. "Identificamos no site da seguradora que a AES Eletropaulo é sua cliente, e isso pode levar à suspeita de que os dados cadastrais dos consumidores da AES Eletropaulo teriam sido repassados à MetLife", diz.

Procurada, a AES Eletropaulo alegou estar em "período de silêncio" antes da divulgação de resultados, marcada para 24 de fevereiro. Em sua página do Facebook, ela informa aos consumidores que "as cobranças indevidas estão sendo estornadas, e que o erro foi da MetLife." Já a seguradora

O VALOR DAS MULTAS, **QUE SOMAM R$ 4 MILHÕES, É RECORDE** NO TIPO DE INFRAÇÃO COMETIDA

informou, em nota, que "já prestou todos os esclarecimentos solicitados pelo Procon-SP" e que está "atuando prontamente após a identificação do ocorrido". As ações da distribuidora caíram. Recuaram 4,6% entre 26 de janeiro e a terça-feira 7, ante uma baixa de 3,1% no Índice Bovespa.

Não é a primeira vez que a MetLife se vê envolvida em confusões desse tipo. Em maio de 2016, a reguladora americana Financial Industry Regulatory Autority (Finra) multou a MetLife nos Estados Unidos em US$ 25 milhões, um recorde. US$ 5 milhões foram para indenizar 25.560 consumidores lesados em suas apólices de seguro entre 2009 e 2014. A empresa manteve o preço, mas reduziu as coberturas, sem informar as mudanças aos segurados. $

Investidor Dinheiro

Rumo aos ESTADOS UNIDOS

O principal destino dos fundos brasileiros no exterior já atrai novos gestores, que miram os recursos da repatriação

Lívia GA[illegible]

FOTO: CRAZYDIVA

ESTÍMULOS AO CRESCIMENTO: *Para Luis Stuhlberger, do fundo Verde, as primeiras medidas de Donald Trump sugerem que a economia americana deve crescer*

Na manhã de primeiro de novembro de 2016, gestores de fundos de investimentos acordaram com uma missão: traçar suas estratégias para atrair parte dos recursos de brasileiros no Exterior que haviam sido regularizados no programa de repatriação da Receita Federal, encerrado em 21 de outubro. O dinheiro – R$ 169,9 bilhões - foi regularizado, mas não voltou. Agora, está na mira de gestoras brasileiras que têm fundos lá fora, e que estão abrindo subsidiárias para cuidar desses clientes.

Um levantamento da empresa Economatica atesta que existem 667 fundos brasileiros com recursos fora do País, sob a responsabilidade de 184 gestoras que administram R$ 61,9 bilhões. Os Estados Unidos são o destino mais procurado, com 76,8% dos recursos. Apenas a Verde Asset Management, de Luis Stuhlberger, com 14 fundos e R$ 8,7 bilhões em ativos sob administração, concentra 14% do total aplicado. A segunda gestora com mais recursos no exterior é a SPX, com 10,3% do total.

A nova fonte de dinheiro também está abrindo oportunidades para casas menores, como a Fithian, de Daniel Arruda. O economista paulista trabalhou nove anos na gestora Tarpon, e está em processo de registro de seu fundo na Securities and Exchange Commission (SEC), órgão regulador do mercado de capitais americano. Arruda se anima com a possibilidade de gerir pelo menos US$ 25 milhões, mínimo exigido pela SEC para registrar um fundo e poder captar recursos de investidores americanos. Assim como a Fithian, outras três gestoras brasileiras, como a GEO, a Dynamo e a STK Capital, teriam dado entrada no mesmo processo. Procuradas, as três não comentaram.

Segundo Arruda, a alta do real frente ao dólar – que encerrou 2016 com valorização de 16,5% e já acumula outros 4,3% no ano, até a quinta-feira 9 –, traz uma janela de oportunidade também para os investidores cujos recursos estão no Brasil. Somam-se a isso, a queda da taxa de juros, que retira parte dos ganhos da renda fixa no País e estimula a diversificação de investimentos. "No Brasil, a Bovespa possui apenas 53 ações que têm liquidez diária acima de US$ 5 milhões. Nos Estados Unidos, esse número ultrapassa 4.500 papéis", diz ele.

As alternativas americanas para os mais endinheirados incluem fundos para investidores qualificados, hedge funds ou fundos exclusivos, que não costumam ter liquidez diária, e normalmente só permitem o resgate após dois anos. As taxas de administração oscilam entre 1,5% ao ano a 2% ao ano, e a taxa de performance média é de 20%, podendo ser cobrada pelo retorno líquido acima do *benchmark* (como o Índice Dow Jones, por exemplo). É preciso investir, no mínimo, US$ 1 milhão. No ano passado, em média, esses fundos renderam 6%, segundo levantamento da consultoria Barclay Hedge. Parece pouco, mas é bem superior ao 0,04% médio de 2015. Já os fundos abertos cobram taxas que variam entre 0,5% e 1,5% ao ano e o rendimento médio anual foi de 10,81%, no ano passado, segundo a consultoria financeira Lipper. Os fundos com melhor desempenho tiveram ganhos de 17,87%. Os aportes são variados.

Parte desses ganhos vieram, por incrível que pareça, com a eleição de Donald Trump, em novembro. Sim, porque algumas promessas de campanha, como menor regulamentação bancária, redução de impostos e investimentos em infraestrutura, além do protecionismo, projetam um cenário promissor para algumas corporações americanas. E as expectativas são as rodas que costumam movimentar os mercados.

INVASÃO VERDE E AMARELA

Parte dos recursos do programa de repatriação – substanciais R$ 169,9 bilhões –, deve migrar para Wall Street. Os gestores brasileiros miram essa bolada

184 gestoras

667 fundos brasileiros no exterior

R$ 61,9 BILHÕES em ativos fora do Brasil

Os Estados Unidos concentram **76,8%** dos recursos

A Verde Asset Management, com **14** fundos, administra **R$ 8,7** BILHÕES – **14%** das aplicações de brasileiros no exterior

FOTOS: SILVIA COSTANTI/VALOR/FOLHAPRESS | DIVULGAÇÃO

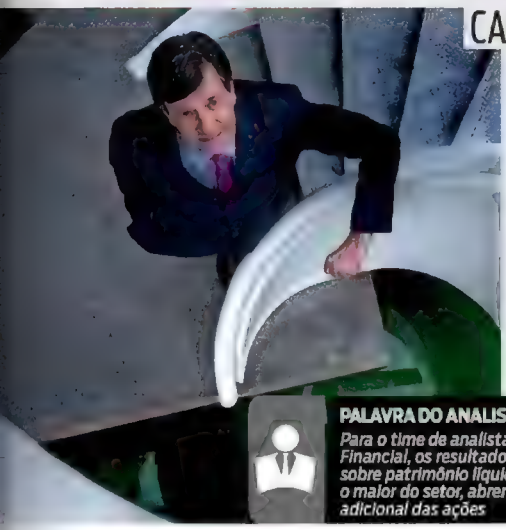
AMERICAN WAY: *Daniel Arruda, da Fithian, está registrando seu fundo nos Estados Unidos, na expectativa de aumentar os recursos sob sua gestão*

"As propostas e as primeiras decisões de Donald Trump indicam que a nova administração vai tentar estimular a economia. Isso sugere que a economia americana deve crescer", afirma Luis Stuhlberger, gestor do fundo Verde. Stuhlberger não comentou qual o impacto que isso terá nos preços das ações. Segundo ele, o movimento dos mercados é mais suscetível à influência de outros países sobre a economia americana. "E isso é imprevisível." No entanto, ele citou uma piora nos fundamentos econômicos chineses, o que terá, provavelmente, um impacto ruim, mas difícil de mensurar, sobre a economia mundial.

Já Arruda diz acreditar que em momentos de estresse de mercado, quando as ações caem abruptamente, trazem boas oportunidades de compra de ações para quem quer montar sua própria carteira. "Se a candidata Jean-Marie Le Pen, da Frente Nacionalista, se mantiver à frente nas pesquisas eleitorais na França, isso pode trazer volatilidade ao mercado, como o Brexit e a eleição de Trump fizeram em 2016."

Para quem não tem recursos no exterior, mas que investir lá fora, alguns bancos, como o Santander Brasil, oferecem opções. Uma delas é o Global Equities, que compra cotas de fundos nos Estados Unidos e na Europa, e rendeu 54,04% em 36 meses, acima do MSCI Global, que obteve ganhos de 44,52%, do CDI, com alta de 43,39%, e do Ibovespa, que se valorizou 35,75% no mesmo período. Com investimento a partir de R$ 50 mil, o fundo cobra 1% de taxa de administração e não há taxa de performance.

DESTAQUE NO PREGÃO



CALOTE CORPORATIVO PREOCUPA ITAÚ

A preocupação com inadimplência em títulos corporativos fez o Itaú Unibanco mudar a forma de divulgar resultados. Ele passou a incluir sua projeção para as perdas com esses papéis, conhecidas como *impairment*. O banco prevê que esse número fique entre R$ 12,5 bilhões e R$ 15 bilhões em 2017. Não é por acaso. A baixa de R$ 1,255 bilhão em créditos corporativos, como debêntures, e o aumento dos impostos, reduziram em 2,7% o lucro líquido no quarto trimestre, que caiu para R$ 5,5 bilhões. No acumulado do ano, o lucro líquido consolidado foi de R$ 21,6 bilhões, queda de 7,4% ante 2015. "Tivemos cerca de dez episódios de inadimplência", diz Roberto Setubal, presidente do Itaú Unibanco, na apresentação de resultados na terça-feira 7. O executivo, que não detalhou quais empresas não honraram seus compromissos, disse que o *impairment* não afeta as provisões, como acontece em atrasos de pagamentos de empréstimos, mas pode reduzir a margem financeira. No segundo trimestre, o banco havia registrado R$ 539 milhões em *impairment*.

PALAVRA DO ANALISTA:
Para o time de analistas da consultoria Eleven Financial, os resultados consistentes e o retorno sobre patrimônio líquido médio (ROAE), de 19,8%, o maior do setor, abrem espaço para valorização adicional das ações

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R$)*	% mês	% ano	% 12 m	% índice
Itaú Unibanco PN	39,75	6,8	17,5	86,9	11,666
Bradesco PN	31,83	-2,6	9,9	88,1	7,898
Petrobras PN	15,10	0,5	1,5	232,6	5,672
Vale PNA	29,21	-4,4	25,1	277,4	5,287
Vale ON	30,59	-4,9	19,1	200,8	4,182
Petrobras ON	16,10	-0,6	-5,0	152,0	4,057
Brasil ON	30,72	-1,3	9,4	134,8	3,504
Itaúsa PN	9,56	3,0	15,5	67,9	3,381
BM&FBovespa ON	18,84	1,9	14,2	88,5	3,123
Gerdau PN	12,23	0,2	13,2	193,9	0,975

Fonte: Economática *06/02/2017

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE

MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Siderúrgico	6,88	262,06
Mineração	17,09	238,92
Petróleo e Gás	-5,38	212,26
Energia e Saneamento	7,04	115,51
Financeiro	5,07	101,75

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Petroquímico	-7,51	23,18
Imobiliário e Construção	67,35	16,81
Industrial	3,75	4,42
Papel e Celulose	-5,17	-14,27
Telecomunicações	-22,47	-39,76

Fonte: Austin Rating de 30/01 a 06/02

BOLSAS NO MUNDO

06/02/2017			COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)			VARIAÇÃO (US$)	
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
Brasil	Ibovespa	63.993	1,05%	6,25%	58,49%	-1,34%	1,65%
Brasil	IBrX	26.354	-0,83%	6,32%	55,34%	-1,12%	1,71%
EUA	Dow Jones	20.052	0,95%	1,47%	25,12%	0,95%	1,47%
EUA	Nasdaq	5.664	0,87%	5,21%	32,21%	0,87%	5,21%
Japão	Nikkei	18.977	-0,34%	-0,72%	11,60%	-0,22%	-4,39%
China	CSI 300	3.373	-0,44%	1,91%	14,47%	-0,14%	3,11%
Alemanha	DAX 30	11.510	-0,22%	0,25%	28,18%	0,38%	-1,44%
França	CAC 40	4.778	0,61%	-1,73%	17,50%	1,22%	-3,39%
Reino Unido	UKX	7.172	1,03%	0,41%	26,06%	1,76%	-0,12%

Fonte: Austin Rating

SEGUROS

Tesouraria: um porto já não tão seguro

Com lucro líquido de R$ 301,6 milhões no quarto trimestre de 2016, a receita da seguradora Porto Seguro, comandada por Fábio Luchetti, cresceu 0,5% para R$ 4,18 bilhões. No entanto, as despesas cresceram 1%, para R$ 4,172 bilhões, e a receita financeira líquida caiu 11,6%, para R$ 270,6 milhões. Segundo a empresa, essa queda refletiu os retornos dos ativos de renda fixa e variável. No ano, as ações recuam 3,6%.

FOTOS: MASAO GOTO FILHO / AG. ISTOÉ | ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS | PICASA | DIVULGAÇÃO

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
TECTOY	Industrial	25,83
PETRORIO	Petróleo	19,79
RUMO LOG	Transportes	18,10
TRIUNFO PART	Petróleo	17,63
BRASIL	Financeiro	17,04

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
PDG REALT	Imobiliário	-21,56
CONTAX	Telecom.	-14,79
ENEVA	Energia	-11,66
RENOVA	Energia	-10,48
IDEIASNET	Internet	-10,34

Fonte: Austin Rating * de 13/11 a 22/11

TOURO X URSO

O volume médio diário da Bolsa, até a quinta-feira 9, foi de R$ 5,9 bilhões, uma alta de 15,6% em relação à semana anterior. O avanço foi causado, dentre outros fatores, pelo IPO da Movida. Ainda assim, o movimento continua inferior aos R$ 6,6 bilhões em cada pregão de 2016. O recorde de volume foi registrado em 2013, quando o giro diário foi de R$ 6,58 bilhões.

CELULOSE

Suzano reverte resultados e volta ao azul

O cenário mais adverso fez com que a Suzano registrasse prejuízo líquido de R$ 440 milhões no quarto trimestre. Os três aumentos de US$ 20 no preço da tonelada da celulose vendida à China, aplicados em setembro, novembro e dezembro, aliados aos maiores volumes de venda e redução de custos, impulsionaram o lucro de R$ 1,69 bilhão no ano passado. A companhia registrou um prejuízo de R$ 925,4 milhões em 2015.

PAPÉIS AVULSOS

Renner melhora rentabilidade

No quarto trimestre, a Renner melhorou seu faturamento e conseguiu ampliar bastante seu lucro. As vendas cresceram 4,5%, de R$ 1,84 bilhão no quarto trimestre de 2015 para R$ 1,92 bilhão em 2016. O lucro, porém, avançou 19,2% nesse período, subindo de R$ 251 milhões para cerca de R$ 300 milhões. No ano, o lucro subiu 8% para R$ 625 milhões, ante os R$ 579 milhões em 2015. No trimestre, a companhia presidida por José Galló continuou investindo. Foram R$ 160 milhões na expansão, ante R$ 186 milhões do mesmo período de 2015. Nos últimos três meses do ano, a empresa inaugurou 26 lojas, sendo dez da Renner, nove da rede de presentes Camicado e sete da rede de moda jovem Youcom.

RAIO X
LOJAS RENNER ON (LREN3)

Cotação*	R$ 23,65
Preço máximo (52 semanas):	R$ 27,53
Preço mínimo (52 semanas):	R$ 15,62
Oscilação no mês:	-1,0%
Oscilação no ano:	2,1%
Oscilação em 2016:	38,4%
Volatilidade (21 dias):	31,42%

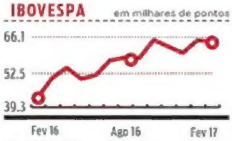
Fonte Economática *08/02/2017

BANCOS

Lucro do Banco ABC cresce 10,5%

O lucro líquido recorrente do Banco ABC encerrou o quarto trimestre com alta de 2,9% em comparação a 2015, em R$ 108,5 milhões. No ano, a alta foi de 10,5%, totalizando R$ 411 milhões. O desempenho anual do banco comandado por Anis Chacur Neto deveu-se ao aumento de 3,8% da margem financeira, ao crescimento de 18,8% do patrimônio líquido remunerado a CDI, à alta de 10,5% da margem financeira com clientes, e ao incremento de 19,4% das receitas de prestação de serviços. Com saldo de R$ 22,7 bilhões, a carteira de crédito expandida aumentou 5,4% no ano.

IBOVESPA em milhares de pontos



*Até 08/02/2017

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	64.835
Máxima	66.190
Mínima	39.318

Fonte: Economática * 08/02/2017

MN MERCADO EM NÚMEROS

ENERGIA

R$ 13,9 bilhões
É o valor dos subsídios às empresas do setor elétrico neste ano, redução de 23,46% sobre 2016, por conta de menores indenizações às concessões e da redução do uso de termelétricas

DURATEX

R$ 25,2 milhões
Foi o lucro líquido da fabricante de painéis de madeira no quarto trimestre, uma queda de 53,6% na comparação anual

VALE

US$ 1 bilhão
Foi o quanto a mineradora captou com a reabertura de sua oferta de bônus da subsidiária Vale Overseas. O título pagará juros de 6,250% ano e vence em 2026

SANEPAR

14%
Foi a alta no lucro líquido da companhia de saneamento do Paraná, que encerrou dezembro com ganhos de R$ 158 milhões

COPEL

7,1%
Foi a queda na venda de energia elétrica pela Copel-D, subsidiária da companhia paranaense, em 2016. Ela faturou 22.328 gigawatts-hora

DinheiroemNúmeros POR CLÁUDIO GRADILONE

COMENTÁRIOS

FUNDOS CAPTARAM R$ 39,9 BI EM JANEIRO

A indústria de fundos voltou a atrair dinheiro novo em janeiro. Segundo a Anbima, associação que representa o setor, no mês passado a captação líquida foi de R$ 39,9 bilhões, valor quase seis vezes superior aos R$ 6,9 bilhões de janeiro de 2016. A entrada de recursos novos cresceu 14,2% em relação a dezembro, elevando o patrimônio total da indústria para R$ 3,54 trilhões, diz Carlos Ambrósio, vice-presidente da Anbima.

INVESTIDOR AINDA FOGE DO RISCO

Segundo a Anbima, os fundos de renda fixa puxaram o crescimento da indústria em janeiro, com captação de R$ 35,4 bilhões, ou 88,7% do total de recursos novos investidos ao longo do mês. O investidor claramente preferiu evitar o risco. Apesar da alta de 7,38% do índice Bovespa no mês passado, os fundos de ações perderam recursos. O resgate superou as captações em R$ 448 milhões.

PREVIDÊNCIA PRIVADA CRESCEU 84% EM TRÊS ANOS

A preocupação dos investidores com a aposentadoria continua sustentando um crescimento acelerado da previdência privada. Segundo a Anbima, os fundos de previdência captaram R$ 2,4 bilhões no mês de janeiro. Isso elevou o patrimônio do segmento a R$ 625 bilhões. O crescimento desses ativos nos últimos três anos foi de 84% ante 45% da indústria como um todo.

FUNDOS DE INVESTIMENTO MAIS RENTÁVEIS

RENDA FIXA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
JPM BRASIL IMA-B 5+ FIC	0,95%	3,32%	33,95%	991,28%	280,67%	242,14%	0,30%	10	46,1
ICATU VANGUARDA INFLAÇÃO LONGA FI	0,92%	3,18%	33,89%	954,55%	269,33%	241,71%	0,25%	5.000	260,2
ITAÚ IMA-B 5+ FIC	0,90%	3,11%	33,08%	940,30%	263,16%	235,91%	0,40%	5	72,4
SANTANDER IRF-M 1+ TÍTULOS PÚBLICOS FI	0,34%	3,08%	28,70%	356,26%	260,33%	204,66%	0,10%	2.000	117,1
VOTORANTIM IRF-M 1+ FIC	0,35%	2,95%	27,29%	365,13%	249,44%	194,58%	0,35%	10	38,6
BRS INSTITUCIONAL IPCA FI	0,80%	1,74%	26,72%	836,28%	147,15%	190,55%	1,00%	1.000	35,8

REFERENCIADO DI	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BNP PARIBAS MATCH FI	0,10%	1,21%	14,25%	99,92%	102,38%	101,59%	0,35%	50	4.235,4
ITAÚ PRIVATE VÉRTICE FIC	0,10%	1,19%	14,10%	102,01%	100,60%	100,52%	0,15%	0	191,6
CAIXA TOP FIC	0,10%	1,17%	14,09%	99,12%	99,41%	100,49%	0,15%	3.000	1.822,9
WESTERN ASSET FI	0,10%	1,15%	13,86%	101,72%	97,09%	98,84%	0,15%	2.000	1.044,4
SUL AMÉRICA EXCLUSIVE FI	0,10%	1,16%	13,82%	98,78%	98,36%	98,54%	0,15%	50	505,9
BRADESCO CORPORATE FEDERAL FIC	0,09%	1,16%	13,66%	97,79%	98,14%	97,43%	0,15%	1.000	1.377,1

AÇÕES	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	S/IBOV. MÊS	S/IBOV. ANO	S/IBOV. 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BB SIDERURGIA FIC	2,73%	16,26%	183,70%	2.835,93%	1.376,00%	1.310,05%	1,00%	0	37,0
ALFA FI	-1,48%	26,64%	113,70%	-1.535,36%	2.254,50%	810,84%	0,80%	1	21,1
BLACKROCK INSTITUCIONAL IBOVESPA FI	0,42%	7,62%	67,39%	437,63%	644,70%	480,55%	0,02%	250	48,2
BRADESCO INDEXADO IBOVESPA FIC	-0,17%	6,87%	62,54%	-179,60%	581,38%	445,97%	3,50%	1	21,6
ARX INCOME FI	-0,05%	8,04%	61,55%	-56,04%	680,50%	438,92%	3,00%	20	118,0
BNP PARIBAS ACE IBRX FIC	-0,17%	4,94%	60,16%	-174,75%	417,98%	429,05%	0,50%	5	35,8

MULTIMERCADOS MULTIESTRATÉGIA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BRASIL PLURAL SPECIAL SITUATIONS FI	0,15%	-1,40%	149,75%	157,97%	-118,70%	1.067,92%	2,00%	1.000	37,0
XP LONG BIASED FIC	-0,28%	7,41%	89,23%	-294,16%	626,68%	636,34%	2,00%	10	119,3
ITAÚ FOF RPI RETORNO TOTAL FIC	0,14%	6,16%	43,37%	143,53%	521,11%	309,32%	1,00%	1.000	37,0
KAPITALO APOLLO FIC	0,41%	6,20%	40,05%	430,67%	524,85%	285,58%	0,16%	NE	57,9
CAPITÂNIA REIT FIC	0,48%	4,09%	35,24%	495,87%	346,01%	251,28%	0,55%	25	76,6
MAUÁ IPCA HEDGE II FIC	0,90%	4,21%	34,45%	932,24%	356,19%	245,68%	1,50%	5	96,4

MULTIMERCADOS MACRO	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
SPARTA CÍCLICO FI	-0,37%	3,29%	37,06%	-387,35%	278,12%	264,26%	4,00%	5	64,1
ALASKA RANGE FI	0,99%	5,67%	36,05%	1.025,31%	479,75%	257,12%	2,00%	5	82,8
BB MACRO ESTILO FIC	-0,12%	0,94%	31,38%	-121,65%	79,91%	223,76%	1,00%	0	56,8
ITAÚ PRIVATE HEDGE PLUS FIC	0,20%	2,97%	30,57%	207,38%	251,44%	217,99%	2,00%	1.000	218,3
MAUÁ MACRO FIC	0,55%	3,78%	27,65%	570,36%	319,83%	197,19%	1,93%	5	268,7
FLAG FIC	0,28%	2,30%	26,67%	295,94%	194,47%	190,22%	1,86%	5	54,3

MULTIMERCADOS JUROS E MOEDAS	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
JPM MULTISTRATEGY CLASSE A FIC	0,12%	1,30%	16,59%	123,15%	110,30%	118,30%	1,00%	10	117,7
SUL AMÉRICA MOEDAS FI	0,35%	1,76%	16,31%	362,02%	148,50%	116,30%	1,00%	5	33,4
ITAÚ UNICLASS FIX PLUS FIC	0,11%	1,31%	15,74%	115,05%	110,90%	112,27%	1,00%	100	172,4
SANTANDER PERFORMANCE TOP FI	0,12%	1,49%	15,55%	120,69%	126,37%	110,90%	0,10%	20.000	1.492,8
BTG PACTUAL MULTISTRATEGIES GOLD FI	0,11%	1,38%	15,35%	116,16%	116,54%	109,44%	0,80%	0	297,9
CAIXA JUROS E MOEDAS FI	0,11%	1,28%	15,24%	116,28%	108,18%	108,67%	0,70%	20	167,4

MULTIMERCADOS ESTRATÉGIA ESPECÍFICA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
PACIFICO LB FIC	0,00%	5,52%	48,25%	4,30%	466,86%	344,09%	1,93%	50	86,2
OCEANA LONG BIASED FIC	0,24%	4,40%	46,21%	252,85%	372,59%	329,57%	2,00%	50	38,9
VIVA RIO FIC	0,24%	4,27%	45,21%	244,65%	361,46%	322,39%	2,00%	500	38,7
INVESTCENTER JGP EQUITY FIC	-0,39%	6,84%	37,47%	-410,31%	578,39%	267,23%	2,50%	200	48,4
SAFRA S&P REAIS PB FI	0,36%	2,46%	35,89%	374,83%	208,32%	255,97%	1,00%	1.000	73,3
WESTERN ASSET US INDEX 500 FI	0,35%	2,39%	35,51%	364,86%	202,43%	253,24%	1,00%	25	139,4

*NE = o fundo não exige
Dados fornecidos pela TAG Investimentos. www.tagimvest.com.br

TAG INVESTIMENTOS

Fontes: TAG / Anbima / Quantum Axis.
CDI% : Valores atualizados até 02/02/2017, referente ao período de 03/02/2016 até 02/02/2017. Leia a advertência sobre riscos em www.istoedinheiro.com.br.

INDICADORES ECONÔMICOS

CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	3º TRI/16	2º TRI/16	1º TRI/16	4º TRI/15	2015
PIB (DESSAZONALIZADO)	-0,83%	-0,44%	-0,46%	-1,15%	-3,8%
PIB EM US$ BILHÕES *	1.707,87	1.655,11	1.659,81	1.774,57	1.746

ATIVIDADE **	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	SET/16	NO ANO
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-0,1%	-1,1%	-7,3%	-4,6%	-6,6%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO (IBGE)	-	-3,5%	-8,1%	-5,7%	-6,4%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	12,0%	11,9%	11,8%	11,8%	11,5%
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	-	77,5%	77,6%	77,6%	-

INADIMPLÊNCIA ***	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	SET/16	MÉDIA EM 2016
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,80%	5,30%	5,70%	5,70%	5,50%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	6,00%	6,10%	6,20%	6,20%	6,20%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	3,70%	3,70%	4,00%	3,70%	3,90%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	5,20%	5,40%	5,60%	5,50%	5,20%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	DEZ/16 A JAN/16	NOV/16 A DEZ/15	OUT/16 A NOV/15	SET/16 A OUT/15	AGO/16 A SET/15
RESULTADO NOMINAL	8,93%	9,28%	8,73%	9,32%	9,51%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,47%	2,50%	2,20%	3,04%	2,74%

	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	2016	2015
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO (SEM PETROBRAS)	45,91%	43,79%	43,70%	45,91%	35,61%
DÍVIDA LÍQUIDA INTERNA	61,21%	59,85%	58,94%	61,21%	54,81%
DÍVIDA LÍQUIDA EXTERNA	-15,30%	-16,07%	-15,24%	-15,30%	-19,20%

CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	JAN/17	DEZ/16	NOV/16	OUT/16	NO ANO
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	15.409	8.593	8.400	78.929
EXPORTAÇÕES	14.911	15.941	16.220	13.716	14.911
IMPORTAÇÕES	12.187	11.525	11.463	11.376	12.187
SALDO COMERCIAL	2.725	4.415	4.758	2.340	2.725
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-5.881	-718	-3335	-23.507
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	372.221	372.761	375.433	372.221
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	323.714	333.799	335.361	323.714

* Acumulado nos últimos 12 meses.
** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego.
*** Em proporção do volume de crédito concedido.
(a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas econômicas do BACEN

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	JAN/17	DEZ/16	NOV/16	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,32%	0,72%	0,15%	0,32%	5,45%
IGP-M (FGV)	0,64%	0,54%	-0,03%	0,64%	6,65%
IGP-DI (FGV)	0,43%	0,83%	0,05%	0,43%	6,02%
IPCA (IBGE)	-	0,30%	0,18%	6,29%	6,29%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	-	0,37%	0,39%	6,94%	6,94%

JUROS/APLICAÇÃO (EM %)	JAN/17	DEZ/16	NOV/16	NO ANO	12 MESES
CDI	1,08%	1,12%	1,04%	1,08%	14,03%
TR	0,17%	0,18%	0,14%	0,17%	2,05%
POUPANÇA	0,67%	0,69%	0,64%	0,67%	8,35%
TJLP	0,60%	0,60%	0,60%	0,60%	7,50%
SWAP PREXDI (30 DIAS)	1,02%	1,06%	1,03%	1,02%	13,74%

CÂMBIO/PETRÓLEO	07/02/2017	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	3,118	0,29%	4,53%	25,00%
US$/EURO	1,073	-0,60%	1,72%	-3,69%
IENE/US$	112,42	-0,12%	3,84%	4,11%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	55,72	0,04%	-1,94%	69,46%

MERCADOS FUTUROS 07/02/2017	MAR/17	JUN/17	SET/17	NOV/17
CÂMBIO (R$/US$)	3,200	3,213	3,281	3,317
	MAR/17	JUN/17	OUT/17	JAN/18
DI 1 DIA (% A.A.)	12,78	12,38	11,22	10,82
	FEV/17	ABR/17	JUN/17	DEZ/17
IBOVESPA (PONTOS)	64.138	65.173	66.214	69.153
	MAR/17	SET/17	DEZ/17	SET/18
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	172,95	181,25	186,45	186,40

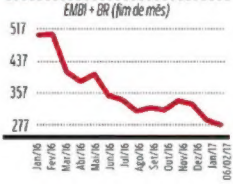
RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

* até 07/Fevereiro/17 (Inclui JS = Juros Semestrais)

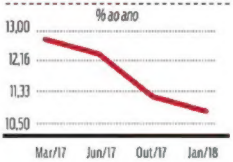
TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	RENTABILIDADE BRUTA Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic	07/03/2017	Selic	1,07%	1,28%	14,03%
Tesouro Prefixado (JS)	01/01/2021	Prefixado	3,03%	3,80%	38,66%
Tesouro IPCA+ (JS)	15/05/2017	IPCA	0,77%	1,14%	12,37%
Tesouro IGPM+ (JS)	01/07/2017	IGP-M	1,26%	1,60%	13,09%
Tesouro Prefixado	01/01/2018	Prefixado	1,29%	1,63%	19,12%

*** divulgação dos dados sua presa, devido a greve dos servidores.

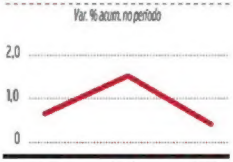
RISCO-PAÍS



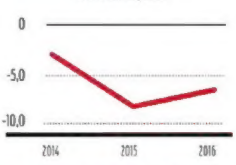
JUROS FUTUROS



IGP-DI



PRODUÇÃO INDUSTRIAL



EUA - TAXA DE DESEMPREGO

NOTAS

INADIMPLÊNCIA CRESCEU 3,9% EM JANEIRO

A inadimplência do consumidor subiu 3,9% em janeiro ante dezembro, sem considerar a variação sazonal, segundo a Boa Vista SCPC. Nos 12 meses até janeiro, porém, a inadimplência caiu 1,9%. A queda ante janeiro de 2016 foi ainda mais forte, 4,7%. Separada por regiões, a inadimplência subiu 3,3% no Norte e 1,6% no Nordeste, tendo avançado 0,8% na região Centro-Oeste. Já nas regiões Sul e Sudeste houve retração de 4,5% e 3,4%, respectivamente.

INDÚSTRIA CORTOU INVESTIMENTOS EM 2016

A indústria brasileira registrou em 2016 o terceiro ano consecutivo de queda de produção, o que, segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), afetou sua capacidade de investimentos. No ano passado, 67% das indústrias realizaram algum tipo de investimento, ante 74% em 2015. É a menor parcela desde 2010, início da pesquisa, quando foi de 93%. Porém, a expectativa para os investimentos subiu. Neste ano, 67% das empresas querem investir, ante 64% de 2016.

PRIMEIRA PRÉVIA DO IGP-M DE FEVEREIRO CAI A 0,10%

A primeira prévia do Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) desabou para 0,10% na primeira prévia de fevereiro, ante 0,86% na primeira prévia de janeiro. Os preços ao produtor ficaram praticamente estáveis. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) subiu 0,01%, ante uma alta de 1,13% em janeiro. O IPA de produtos agropecuários registrou deflação de 0,59% ,e o IPA de produtos industriais desacelerou para 0,24% em fevereiro, ante uma alta de 1,89% em janeiro.

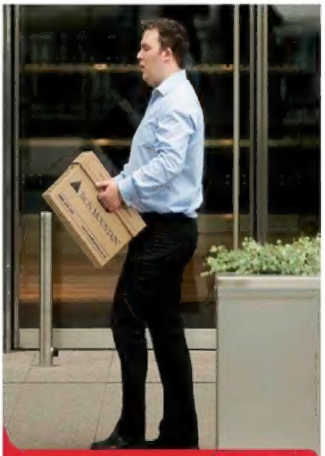
POR CLÁUDIO GRADILONE*

Wall Street de volta ao futuro

O ex-ministro Antonio Delfim Netto, que sabe das coisas, costuma dizer que a única certeza sobre os bancos americanos é que, a cada dez anos, eles perdem os lucros dos dez anos anteriores. Foi assim em 2008, quando os calotes no mercado de hipotecas americano, na crise dos subprimes, varreu os lucros, dizimou empregos e extinguiu instituições centenárias, como o banco de investimentos Lehman Brothers. A irresponsabilidade na concessão de crédito que levou à crise teve duas consequências. Uma delas foi o maior programa de

ajuste estatal da história da humanidade, o Troubled Assets Recovering Program (Tarp), que usou US$ 1,5 trilhão em dinheiro dos contribuintes americanos para salvar os bancos e tentar impedir uma avalanche de falências na economia. E a outra foi um endurecimento sem precedentes na regulação do sistema financeiro. Para salvar os banqueiros, o governo dos Estados Unidos impôs regras espartanas sobre o controle de riscos, algo que o sistema financeiro brasileiro conhece em profundidade desde 1996, quando o Proer socorreu os bancos ameaçados pela estabilização do Plano Real.

Agora, com a troca de comando na Casa Branca, a velha liberalidade pode voltar. No dia 3 de fevereiro, Donald Trump assinou um memorando ordenando uma revisão da lei Dodd Frank, que entrou em vigor em 2010 e que, desde então, tem mantido sob pressão as instituições financeiras americanas.



A proposta de Trump de retirar amarras dos bancos pode trazer de volta histórias como a do Lehman Brothers

Um dos pontos é reduzir a necessidade de os bancos manterem dinheiro reservado para o caso de uma nova crise. Pelos cálculos de especialistas americanos, as seis maiores casas, nomes como Citigroup, J.P. Morgan, Bank of America e Wells Fargo, têm depósitos excedentes que superam US$ 100 bilhões. Ao destravar o sistema, esse dinheiro entraria diretamente no sistema de crédito, estimulando a economia e gerando empregos.

Mais do que meramente alterar as exigências de capital, **a mudança na regulamentação afetaria um ponto crucial na atuação de Washington, a limitação ao pagamento de dividendos, bônus e ao exercício de opções de ações pelos bancos.** Os primeiros programas de ajuda, no fim da década passada, foram violentamente criticados porque os banqueiros receberam o dinheiro dos contribuintes com ar contrito e humilde, mas usaram boa parte dele para garantir seu próprios bônus bilionários.

Em teoria, a proposta de injetar mais dinheiro na economia é brilhante. Porém, sempre é bom lembrar que, no fim da década passada, estimulados pelo dinheiro farto e fácil, os bancos emprestaram dinheiro irresponsavelmente para financiar investimentos imobiliários injustificáveis. O sistema levou quase dez anos para purgar os excessos, que levaram a milhares de imóveis desocupados e a uma multidão de mutuários que perderam suas casas. E vale recordar mais um ponto: antes da crise, era comum que os bancos, tanto de varejo quanto de investimento, gastassem somas superiores às dos seus lucros com dividendos e com recompra de ações, para manter as cotações elevadas. Deixar muito dinheiro, sem controle, nas mãos dos banqueiros, é uma receita infalível para a repetição de histórias como a do Lehman Brothers. IS

** Cláudio Gradilone é editor de Finanças da ISTOÉ DINHEIRO*

 FOTO: SANG TAN